

ILUSTRAÇÃO

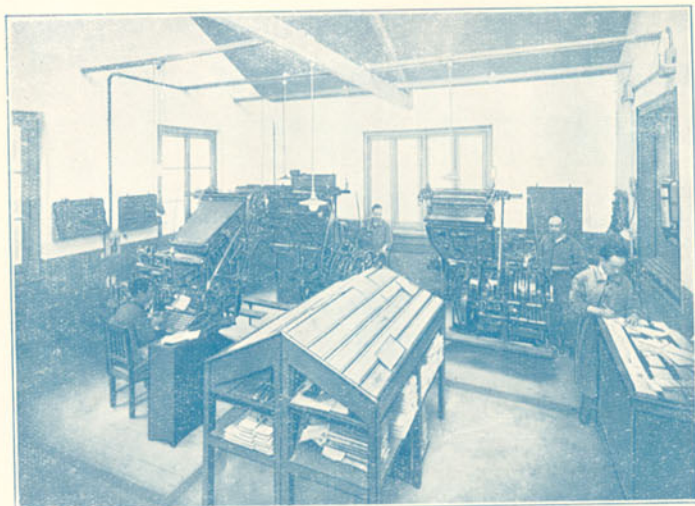


LISBOA, 16 DE ABRIL DE 1931

:: Ano VI ::

A REVISTA PORTUGUESA
: DE MAIOR TIRAGEM :
: E EXPANSÃO :

:: N.º 128 ::



Sala das máquinas "Linotipe"

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

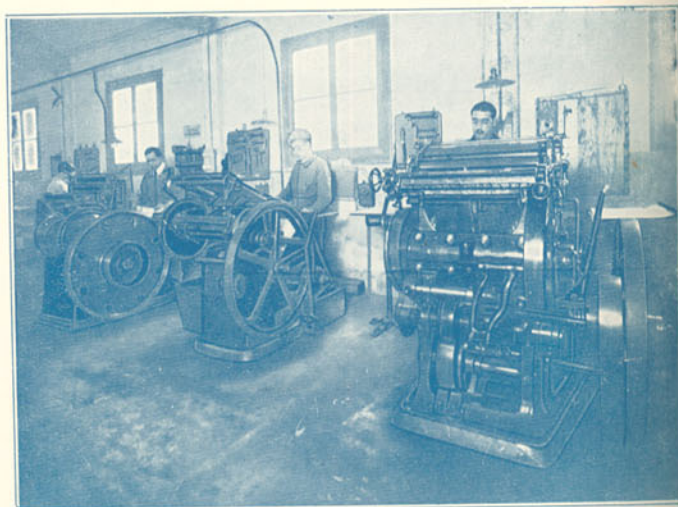
As mais modernas instala-
ções do país e aquelas
que maior capacidade de
produção possuem ~ ~ ~

SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Socie-
dade que se imprimem to-
dos os belos trabalhos
gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
O Comercio Português,
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand



Uma fase da oficina de impressão

I



*Para levar, bem ligeiro
Mensagem, ordem, recado,
Algum segrêdo brejeiro . . .
É Cupido endiabrado
Dos Deuses, o mensageiro.*

II



*E na época ominosa
Da pedra na existência
Tudo era côr de rosa!
Só levar correspondência
É missão bem pedregosa!*

III



*Um Romeu enamorado
Á Julieta de seu querer
Manda amor açucarado!
Tem para levar e trazer
Um pagem efeminado!*

IV



*Naquele tempo meiguinho
De peralvilhas e Mecias,
Do amor o rodriguinho
Era mandado às secias
Por garoto molêquinho!*

V



*E no século passado
Quando êle escreve a Ela
Um poema bem pesado . . .
É mandado à donzela
Por galego perfumado.*

VI



*Hoje a arte de amar
É bastante mais singela.
No capítulo conquistar
Quem quiser falar à bela
Só tem que telefonar!*

Este é um anúncio da
ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Co. LTD.
Rua Nova da Trindade, 43 — Lisboa
Rua da Picaria, 5 — Porto

Biblioteca de Instrução Profissional

A única no género que se publica em língua portuguesa e com enorme expansão, não só em Portugal como no Brasil

Últimos volumes publicados:

MANUAL DO FERREIRO	
Nova edição	13\$00
ELEMENTOS DE PROJECCÕES	
Nova edição	16\$00
FÍSICA ELEMENTAR	
2.ª edição	14\$00
TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL	
6.ª edição, revista e ampliada	16\$00

Outros volumes recentes:

MANUAL DO TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS	
Nova edição	13\$00
MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS	
Nova edição, actualizada	30\$00
ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE	
2.ª edição	40\$00

No prelo:

VOCABULÁRIO TÉCNICO
e outros volumes

DIRIGIR PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA



FORÇA!

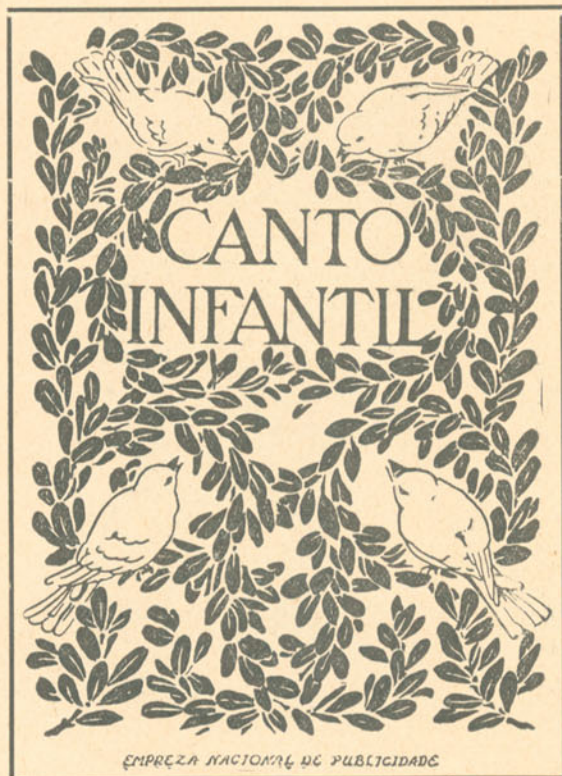
V. Ex.^a não acredita como o pequeno Zêquinhas foi difícil na comida. Nada lhe fazia bem. Emagreceu rapidamente. Foi uma aflição. — Por fim deram-lhe papinhas de Farinha Nestlé e o Zêquinhas voltou à vida, está forte, robusto e alegre.

Porque será que os médicos recomendam tanto a Farinha Nestlé como alimento ideal da criança? É que sabem que o fabrico obedece às suas exigências científicas e que a Nestlé as acompanha passo a passo há mais de meio século.

FARINHA NESTLÉ

Para a criança privada do seio materno o melhor alimento nos primeiros meses é o leite condensado açucarado «Moça». A pedido, a Casa Nestlé, Rua Ivens, 11, 13 — Lisboa, envia a V. Ex.^a uma amostra grátis dos dois produtos bem como o folheto do Dr. Vidal sobre a alimentação e cuidados a dar às crianças.

**LEITE
CONDENSADO
"MOÇA"**



Bibliotera dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

PREÇO: 10\$00

*A venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias*

MAÇAGAZINE
BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA
LEIAM O NÚMERO DE ABRIL

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■■■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, **Pulveri-
sações**, etc. — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, **DIATERMIA**
e Maçagens. — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

A dona de casa



Tem a responsabilidade dos deveres da casa, mas também tem os deveres da sociedade. E nem todos os dias está em condições de fazer frente às contrariedades da vida, especialmente quando algum mal a incomoda, quer seja dor de cabeça, de dentes, enxaqueca, nevralgias, ou os incômodos mensaes, etc. que são causas de mau humor e prostração.

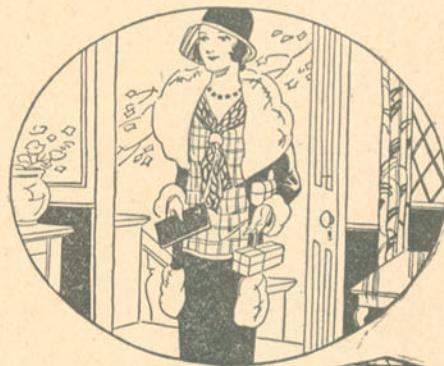
Nestes casos deve ter á mão a

CAFIASPIRINA

que não só faz desaparecer as dores, mas também possui a acção reanimadora e estimulante da cafeína. Com ela podem cumprir-se as obrigações da vida com bom animo e satisfação.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.



Depois das Compras

subsiste talvez uma leve sensação de cansaço, ou mesmo, tendencia para dores de cabeça. Para alistar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.



CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes de 14-50-125 e 250 gramas.



CERESIT

(LEGÍTIMO W. B. W. ALEMÂNHA)

Unico hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

GALERIA DE PARIS, 42.—PORTO

Depositarios em Lisboa: S. RAMOS LDA.—Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

NOVIDADE SENSACIONAL

Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida, utilizando sempre o



PREÇO

15\$00

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda humida, com o Pente Ondulador, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.



Exclusivo de venda: **Academia Scientifica de Beleza**
M. me Campos Avenida da Liberdade, 35 LISBOA

GRATUITAMENTE



OFFERECEMOS á escolha dos felizes **1.000 Phonografos** a fitulo de propaganda, aos mil primeiros leitores que encontrarem a solução — exacta do hieroglifo seguinte e se conformarem com as nossas condições —

CONCURSO L. S. O.

Substituir os pontos pelas letras **P. R. O.** que faltam e achar assim o nome **C. I. B. A.** de trez cidades

Complete este anúncio e remeta-o aos

Etabl. VIVAPHONE (Service 050) 116, Rue de Vaugirard. PARIS. 6° (France)

Juntar um envelope preenchido claramente com o nome e endereço

NOTA — A correspondencia para o estrangeiro deve ser franquiada com um selo de 10\$25

A maior novidade literária do momento é:

LOUIS-CHARLES ROYER



NO PAÍS DA GENTE NUA

Grande reportagem ilus-
trada pela fotografia

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Clarion

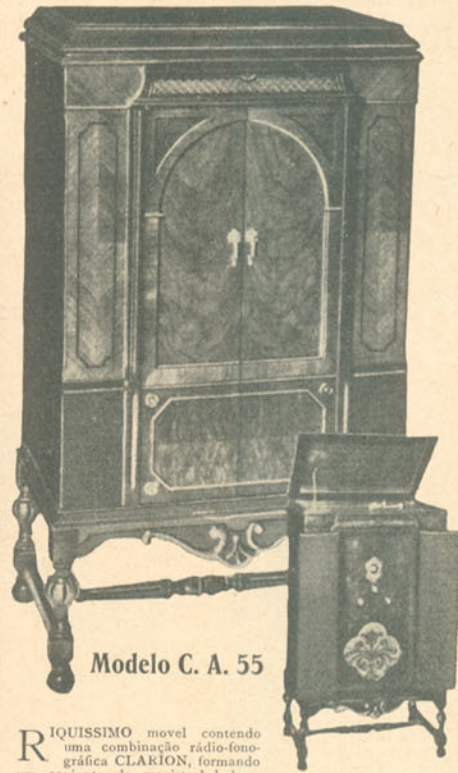
CA 55

A

MELHOR

COMBINAÇÃO

**RADIO
FONICA**



Modelo C. A. 55

RQUISSIMO mobil contendo uma combinação rádio-fonográfica CLARION, formando um conjunto de magistral beleza.

Chassis CLARION, normal. Alto-falante electro-dinâmico. Reprodutor electro-magnético e motor electrico fonográfico. Verdadeiramente, um maravilhoso instrumento. Completo: 7.800\$00

(Altura 1^m,12; Largura 0^m,69; Fundo 0^m,43)

O que é Indanthren?

Todos sabem que há tecidos, cujas côres são mais ou menos duradoiras; alguns desbotam bem depressa sob a acção da luz do sol, outros largam a tinta já na primeira lavagem. Teremos, portanto de duvidar da duração dessas côres.

V. Exa. pode evitar essas dúvidas pedindo, ao comprar tecidos ou fios de algodão, sêda artificial ou linho, fazenda de tinto Indanthren, pois, com o nome de Indanthren foi criado um sortido de côrantes, com os quais se obteem tintos da máxima resistência possível aos raios solares, à lavagem e às intempéries.

Exija, portanto, artigos de tinto ou de estamparia Indanthren e convença-se de que os que V. Exa. tiver escolhido tenham a marca registada, abaixo reproduzida.

Tecidos e fios tintos ou estampados com Indanthren são duma

solidez insuperada à lavagem,
à luz, às intempéries.

Só nos artigos tintos ou estampados com côrantes Indanthren é que pode ser aplicada a etiqueta Indanthren.



ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 128

16 de Abril de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva

Director: João de Sousa Fonseca ..

Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —

Telef. 2 1467 .. Composição e impressão

RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ..

Assinaturas e Administração: RUA DO DIARIO

DE NOTICIAS, 78 — Telef. 2 3132 ..

Publicidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ..

Propriedade e edição de Aillaud, Ltd.ª e Em-

preza Nacional de Publicidade — LISBOA.



S. A. R. O PRINCIPE DE GALES

O herdeiro do trono inglez, uma das mais curiosas figuras da nossa época, tão celebre como o foi seu avô Eduardo VII e que, dentro de dias desembarcará em Lisboa vindo da America do Sul

09 de Abril

A data gloriosa da nossa epopcia de martirio durante a guerra foi comemorada em Lisboa com nobreza e simplicidade. A nossa foto, em baixo, mostra o momento em que os officiaes generais que fizeram a guerra se perfilam em continencia, ante o pedestal do monumento aos mortos.

(Foto Novais)



A QUEDA DA MONARQUIA ESPANHOLA



S. M. D. Afonso XIII, ex-rei de Espanha



El-Rei passando em San Sebastian



El-Rei com o manto da Ordem de Calatrava

Um retrato que conheceu dias de popularidade e dias de paradoxal desrespeito. Um retrato que muitos veneraram e outros queimaram em auto de fé...



Um sorriso castizo que deve ter desaparecido, por vezes, dos reais lábios de D. Afonso XIII, de Espanha

O sorriso confiado do rei que não teve descendentes capazes de neles depositar o pesado encargo de reinar num país republicano e ansioso de ideias novas.



Um herdeiro sem trono. O príncipe das Astúrias

O rei-cidadão que os acontecimentos transformaram no rei palaciano e depois no rei deposto e exilado. O rei espanholíssimo que os erros dos políticos transformaram num hóspede real da Inglaterra.



El-Rei com o uniforme dos «Exploradores de España»



GENERAL BERENGUER

Um servidor leal. O general palaciano que pôs tudo na defesa do seu rei e senhor mas lhe apressou a abdicação com os fusilamentos de Jaca.



El-Rei quando lêz 41 anos de idade



CONDE DE ROMANONES

O político astuto, sagaz, senhor de todos os cordelinhos teigociros, mas cuja habilidade não conseguiu o impossível de sustentar um trono demasiadamente carcomido.



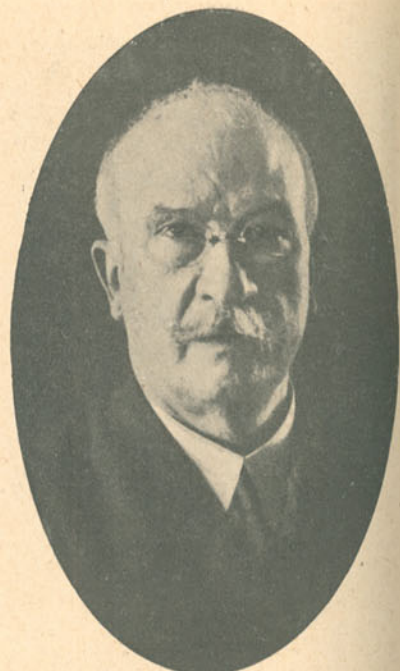
Um retrato oficial de D. Afonso XIII



Santiago Alba, infamado pela ditadura de Primo de Rivera, tem agora a hora saborosa da desforra.



Alcalá Zamora, a veneranda figura de cidadão que foi elevado à Presidência da República de Espanha.



Alejandro Lerroux, o mais velho caudilho republicano, homem de sólido prestígio, actual ministro dos Estrangeiros



Miguel Maura, filho do grande Maura e um dos mais tenazes oprimeiros da nova República Espanhola, que ocupa agora a pasta do Interior, onde a sua inteligência e a sua energia vão ser postas à prova numa grande e necessária obra de pacificação e reorganização nacional sob a égide da República nova.



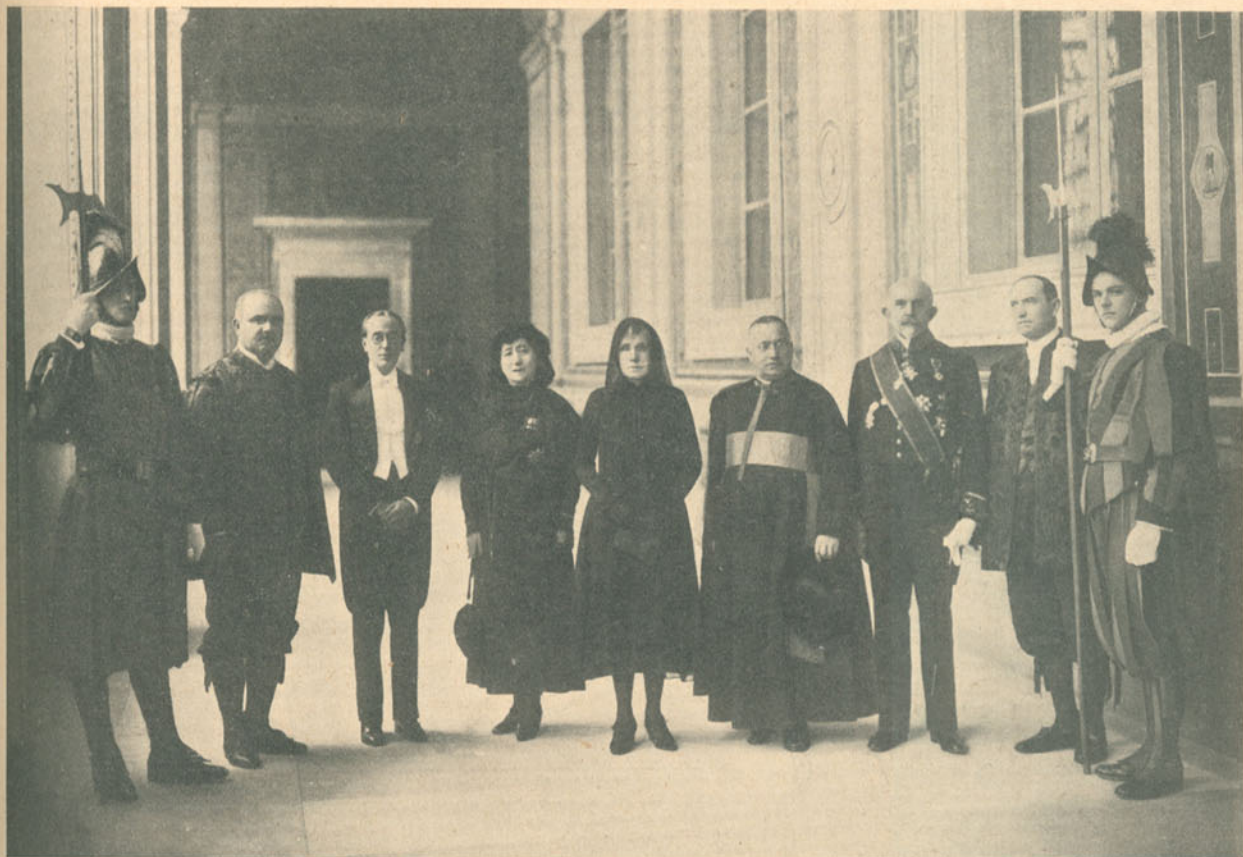
Marcelino Domingo, o feroso tribuno, exilado pela monarquia, e que voltou à pátria para tomar posse da pasta da Instrução, onde tem uma missão formidável a exercer.



Don Ramón del Valle Inclán, a mais alta figura literária da Espanha, cujas atitudes românticas de rebeldia tiveram enorme retumbância e influência na formação do ideal republicano.



Em baixo, três figuras notáveis da revolução espanhola, o mecânico Rada, o comandante Ramon Franco e o coronel Maciá, os mais audaciosos homens de acção nos últimos movimentos sediciosos agora epilógados triunfalmente



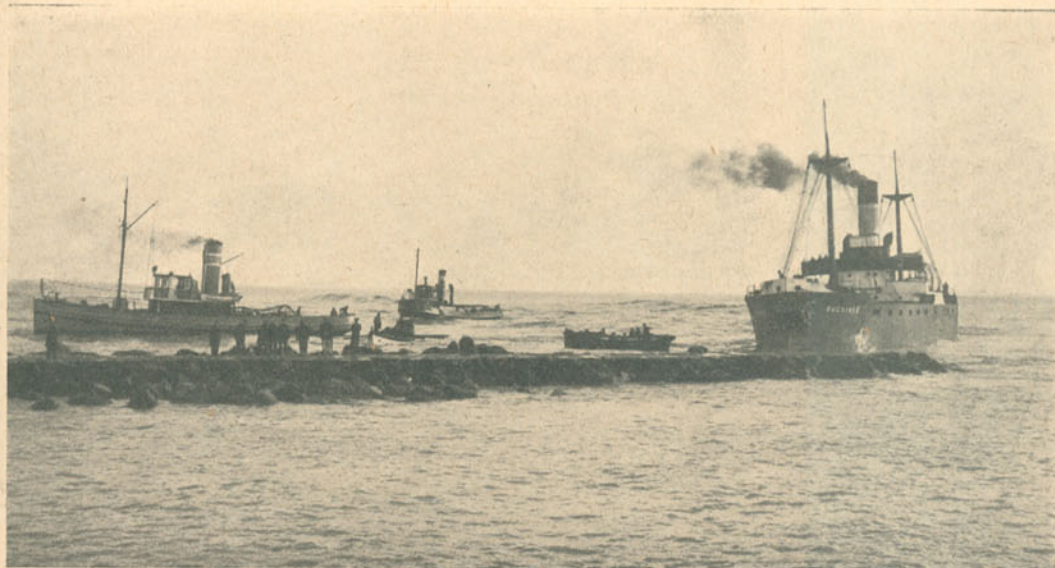
PORTUGUESES NO VATICANO

A ilustre titular portuguesa Sr.^a Condessa de Gonçalves Pereira, acompanhando Sua Alteza Real a Infanta Dona Eulália de Espanha, foi recebida em audiência particular por Sua Santidade. A foto representa as duas ilustres senhoras, acompanhadas do Conselheiro da Embaixada de Espanha e do Camareiro de Serviço, após a audiência pontificia.

SINISTRO MARITIMO

A fatídica entrada da barra do Douro encalhou mais um barco, o «Ruckings», que ficou em precárias circunstâncias. Na foto vcem-se os rebocadores «Lusitania» e «Tritão», logo após o sinistro, tentando safar o barco encalhado.

(Foto Alvaro Martins)





GENERAL BURGUETE

O general Ricardo Burguete, que foi presidente do Conselho Supremo de Guerra de Espanha e que, depois de julgar Alcalá Zamora e os demais republicanos, foi demitido e em virtude de sensacionais declarações liberais, condenado a prisão militar por dois meses.

(Foto Orrios)



Um escandalo na Yanquilandia

Mr. Walker, o risonho e moderníssimo governador de Nova York, e que, no parecer, não tomou muito a sério as responsabilidades do seu cargo praticando algumas irregularidades de ordem financeira que lhe valeram um processo e a prisão preventiva

(Foto Orrios)



VEJAM!..

EMBAIXADOR DO BRAZIL

O novo Embaixador do Brasil, sr. dr. José Bonifácio de Andrade e Silva, com o pessoal do protocolo e dignitários da Embaixada, por ocasião de entregar as suas credenciais ao sr. General Carmona



EM ROMA

O conde de Karoly (à esquerda), ministro dos Negócios Estrangeiros da Hungria, fotografado em Roma ao lado de Grandi, o ministro das Relações Exteriores, durante uma conversa sobre as relações aduaneiras que terá talvez repercussão mundial. — (Foto Orrios)



FESTAS

ELEGANTES

No Pôrto efectuou-se um lúcido torneio de Tiro aos Pombos, em honra do conhecido e ilustre desportista sr. Henrique Marinho que, na nossa foto, se vê à esquerda do vencedor da taça disputada, rodeados ambos pelos restantes concorrentes, todos ilustres atiradores portuenses.

(Foto Alvaro Martins)



EXPOSIÇÃO COLONIAL

O sr. Ministro das Colónias, acompanhado do coronel Silveira e Castro, Alto Comissário português na Exposição de Paris, e outras prestígioas figuras de colonistas, inaugurou, na Sociedade de Geografia, a exposição dos gráficos e decorações encomendadas aos artistas portugueses para aquele certame.

(Foto H. de Novals)

HOMENAGEM PIEDOSA

No Pôrto efectuou-se uma romagem ao túmulo do célebre pintor António Carneiro. Na foto vê-se, o sr. Sousa Rosa, presidente da Câmara, o filho do finado, Claudio Carneiro, a viúva, o escultor Teixeira Lopes e dr. Alfredo de Magalhães, além de outras pessoas representativas.

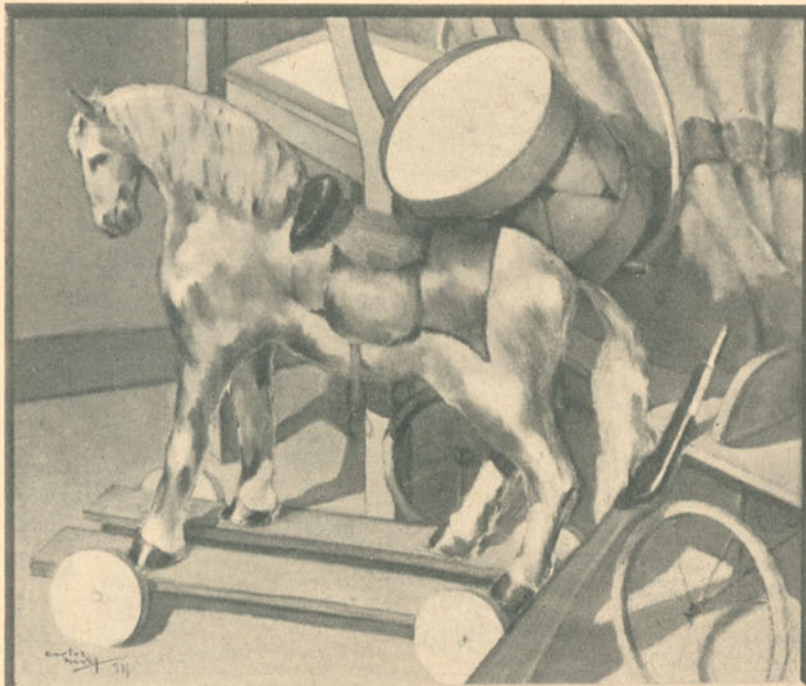
(Foto Alvaro Martins)





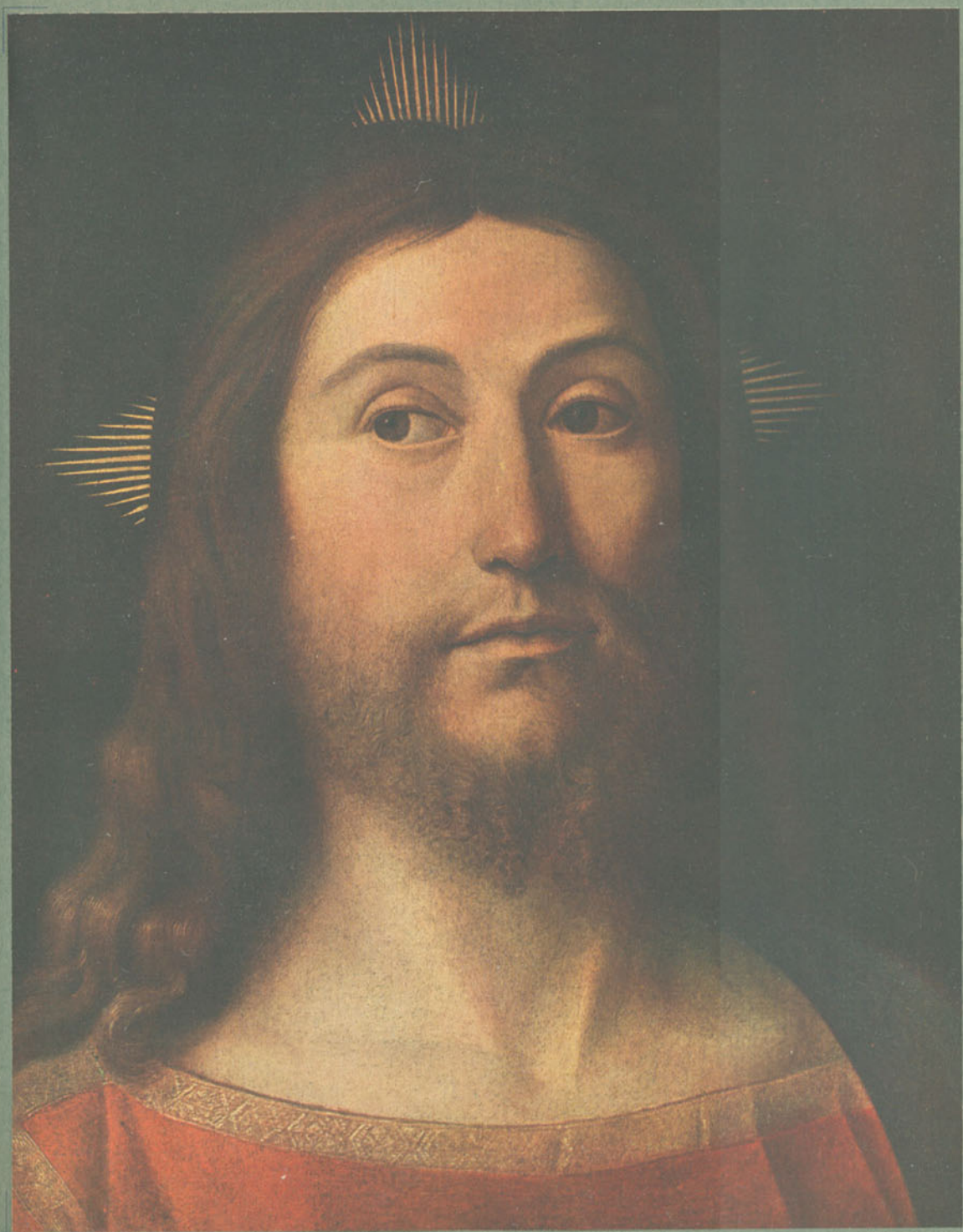
NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES A GRANDE EXPOSIÇÃO ANUAL

Embora enfermado do mesmo mal de sempre, pela ausência ou decadência dos mestres e a limitação do campo dos novos com favoritismos e cabalas de campanário, a Exposição Anual de 1931 trouxe, ainda assim, alguma emoção aos meios artísticos. A - pesar de tudo, o público ainda *via* Ernesto do Canto na escultura e a crítica foi



unânime no elogio de algumas obras, entre as quais «Músicos de aldeia» de Severo Portela Júnior, que reproduzimos em cima, obteve o «Prémio Rocha Cabral», e o quadro decorativo «Os banhos do meu filho», de Carlos Neves, que também reproduzimos e é uma nota de renovação de processos a frizar e louvar.





GIOVANNI BELLINI

O DIVINO MESTRE

DOSTOÏEVSKI

O quinquagésimo aniversário da sua morte

EM 10 de Fevereiro último completaram-se cinquenta anos que morreu Dostoïevski, cuja obra genial está sendo estudada, neste momento, com tóda a imparcialidade.

Muitos críticos russos acham pontos de vista semelhantes entre este escritor e Tolstoi, contudo, diferenças profundas, entre estes dois pontífices da literatura, nos mostra o reputado homem de letras, senhor Skabtechevski.

Este autorizado crítico acha que em Tolstoi ninguém pode descobrir o conservantismo nem a tradição, porque Tolstoi aborda tódas as doutrinas, com a máxima liberdade do seu espírito, submetendo-as depois a uma análise ousada, e não aproveita dessas doutrinas mais do que aquilo que pode satisfazer a sua razão. Assim, o individualismo predominante em Tolstoi, ressalta à vista, porque ele não cuida da sociedade, nem da pátria, e, se para o aperfeiçoamento da pessoa fôsse necessária a destruição do estado, Tolstoi aceitá-la-hia sem repugnância. É que Tolstoi aparece-nos como um internacionalista, no sentido mais lato da palavra, e, quando ele fala das massas populares, considera todos os operários do mundo, sem distinção de nacionalidades nem religiões.

Dostoïevski é precisamente o contrário de Tolstoi, quando considera a vida do homem.

Para Dostoïevski o aperfeiçoamento do indivíduo e a liberdade, interessam pouco. O indivíduo, segundo ele, deve desempenhar a missão que lhe cabe, e ele aponta a Rússia como a nação eleita, para efectivação desse grande plano.

Afastado da maior parte dos seus contemporâneos, devido às suas ideias filosóficas, difere de todos eles.

Assim Tourgueniev, Tolstoi, Pisenoki e outros interessam-se pela vida rural dos camponeses, ao passo que Dostoïevski escolhe os seus personagens no proletariado intelectual, a que éle próprio pertence.

Como Gogol, éle descreve o tumulto e a paixão da cidade, e, não contente de fotografar os seus heróis, éle dissecta-os e analisa-os. E, essa sua análise psíquica, fica agradando aos psiquiatras, que encontram uma exactidão quasi científica na sua descrição de doenças mentais.

A imortalidade dos homens é espontânea, porque só é verdadeiramente imortal quem o é, pelo consenso universal, e, a presença dessa imortalidade vagueando no espírito dos homens, verifica-se tão bem, ou melhor ainda, do que a ubiqüidade religiosa do panteísmo.

Efectivamente, existe a imortalidade do artista e da sua obra, mas pertencendo ela, a um povo e a uma civilização, ela tende a descer para o limbo do esquecimento, à medida que vem sucedendo uma mudança, que gradualmente vai alterando, modificando e transformando todos os motores da vida, ficando do artista e da sua obra apenas o nome: — um *tolem*.

Assim, se a civilização comunista substituir a civilização cristã, o que poderá ficar do célebre romance de Cervantes?

No entanto, o que verdadeiramente pode ficar dos escritores, é o seu estilo individual — dizem uns. Mas as línguas também envelhecem e morrem, e a morte de uma língua não será a morte de uma obra escrita nessa língua?

Por isso, a data oficial de 10 de Fevereiro de 1931, em que a imortalidade de Dostoïevski entrou na maioridade dos cinquenta, não passa de um pretexto, e Dostoïevski não é senão um nosso contemporâneo, porque os seus livros são muito mais actuais e modernos do que muitos volumes que ainda estão por escrever.

Cada leitor, cada crítico, encontra nesses livros aquilo que procura, tanto no campo literário como no filosófico ou social.

Um Gide ou um Mérykovski são os melhores personagens de Dostoïevski. O pensamento crítico, quer francês, quer russo ou alemão perdê-se naquele labirinto de conceitos metafísicos e morais, e a reflexão ajuda a concluir que, quanto maior é o escritor, maior é o espaço do tempo que a humanidade precisa para o compreender e o milagre só começa quando acaba a época, e começa outra onde o escritor não pode entrar.

De facto o estudo científico de um escritor começa no momento em que os problemas que o preocuparam, já não apaixonam a humanidade.

Ora o Ocidente está debatendo-se no campo das paixões que Dostoïevski dominou nos seus livros e, por consequência, para a maioria dos seus críticos, falar de Dostoïevski equivale a uma discussão interior e, por isso, André Gide e Henry Massis, em vez de julgarem o escritor russo, julgaram éles próprios a sua impotência.

Os grandes escritores dividem-se em duas categorias: escritores cuja glória vai aumentando de geração em geração e escritores cuja obra consegue dar uma volta ao mundo dentro de um prazo de cinquenta anos, para se converterem em preciosos objectos de curiosidade e de estudo.

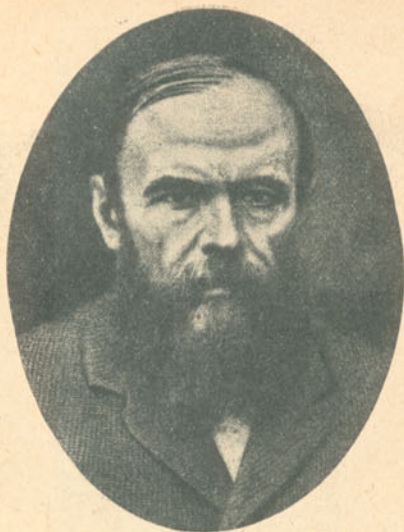
Em qual das duas categorias podemos arrumar o nome de Dostoïevski?

Para Dostoïevski ficar arquivado no panteon da história da literatura, era preciso que uma transformação social se desse, tão forte como a da máquina a vapor, que colheu da circulação do mundo o Werther do Goethe, recolhendo-o depois na tumba das reminiscências românticas.

Considerando-se o destino da obra dostoïevskiana, vê-se que o romancista dominou a Rússia pre-revolucionária e, desde 1917, como uma contradição a tódas as literaturas do mundo, a literatura da Rússia contemporânea é aquela que apresenta menos ascendência de Dostoïevski, e, a propósito, permito-me reproduzir a opinião de uma escritora desse país: — o que veio de Tolstoi, vivifica a vida, enquanto que o que vem de Dostoïevski é veneno do cadáver.

A que se deve a popularidade de Dostoïevski?

Como é possível que um escritor que exige certa cultura, possa ser tão popular, a ponto de ser universal?



Fyodor Dostoevsky

A reflexão responde àquelas duas perguntas. Dostoïevski é um génio que atravessou o seu tempo, pressentindo o futuro. Os seus romances foram discutidos violentamente, e éle teve idolatras, detractores e inimigos.

Os intelectuais russos, que tinham a preocupação das ideias ocidentais, viram nele um adversário político, um slavófilo, um reaccionário, daí o seu romance «Les possédés» ser por éles considerado uma verdadeira traição.

Não admira nada que a publicação do «Les possédés», na Rússia daqueles tempos, tivesse motivado a prisão de Dostoïevski; porque é este o romance, onde se lê a profecia da Revolução Russa e ouve-se antelóquio messiânico do bolchevismo.

Fedor Mikhailovitch Dostoïevski nasceu em 30 de Outubro de 1821, em Moscovo. O pai de Dostoïevski era médico. A sua mãe, que era bastante instruída, ministrou ao filho as primeiras luzes e Dostoïevski, desde muito novo, começou a relacionar-se com a literatura francesa e, aos 17 anos de idade, lia Balzac, Fausto e Victor Hugo com grande entusiasmo.

Terminados os seus estudos, Dostoïevski saiu graduado oficial, mas a necessidade de escrever obrigou o futuro escritor a pedir a sua demissão e, no mesmo ano, começou e terminou a sua primeira novela, «Pauvres Gens», que o célebre crítico Bieliniski muito apreciou, classificando o seu autor um novo Gogol.

O inesperado êxito de «Pauvres Gens» entusiasmou muito Dostoïevski, mas esse seu primeiro alvorço de glória desapareceu de todo e Dostoïevski, como todo o bom artista, passou a viver insatisfeito daquilo que escrevia.

Anna Grigorievna, a segunda mulher do autor do «Crime e Castigo», fala das torturas do seu marido, de quem é sincera e inteligente admiradora. Ela lamenta que aquele génio maravilhoso tenha de travar lutas perpétuas pelo pão de cada dia, desculpando alguns deslizes de forma nos romances do marido, com a grande falta de tempo com que o afamado escritor luta. Enquanto que um notável crítico, para exaltar ésses mesmos deslizes de forma, diz: — Dostoïevski é um elemento da natureza, éle não cuida da



ERA um maioral de L. da G. Conheci-o doente no Hospital de S. José.

De pequena estatura, olhos muito vivos, bastante entrado pelos anos, sêco de carnes, as características suíças curtas, recordadas da maçã do rôsto ao ângulo do maxilar inferior, vestia de calça justa terminada em bôca de sino sôbre os sapatos grossos de salto-prateleira, niza de surribeço e barrêto preto.

Assim chegou a Lisboa, endereçado a um amigo do patrão, em casa de quem aguardou a entrada no hospital, onde vinha em procura de alívios aos achaques da velhice, por relaxamento e cansaço de esfínteres.

Deitou-se cêdo no quarto que lhe destinaram. Era-lhe indiferente a Lisboa-de-noite, então em plena efervescência de clubs, batota, teatros e animatógrafos à cunha — reinado grosseiro dos novos-ricos, tempo de notas tão desvalorizadas como a impudência arrogante dessa choldra que tomava os *restaurants* como cavalariças, e aparecia em tôda a parte a riscar grosseria.

O nosso bom campino era velho pobre e tinha os seus hábitos de homem frugal e simples, muito apegado à vida do campo, e queria-se a ignorar a nevrose das grandes cidades, o ouropel das misérias... Ignoro se tinha razão, se era feliz: o homem deseja sempre e quanto mais deseja, mais sofre. Da felicidade relativa devem partilhar maior quinhão as almas simples.

Ainda a madrugada não luzia, já o Zé Boneco se encaminhava para a rua deserta, a olhar as casas com as janelas cerradas, passeando em frente da porta, com receio de se perder na cidade labiríntica, adormecida, vendo passar as carroças de hortaliça a caminho da Praça da Figueira, contemplando a figura do guarda-nocturno a tilintar as chaves nas passadas pesadas da última ronda. Ao passar junto dêle, deu-lhe mesmo uns *bons dias* a que o guarda-nocturno respondeu com um grunhido, ansioso por recolher a penates.

A manhã rompia, as lâmpadas apagaram-se de repente, começavam a circular os primeiros *eléctricos*, o recorte da casaria ia-se acentuando pelo negro dos telhados, a apontar o

azul desmaiado dos primeiros clarões que rompem a treva, rasgando o mistério da noite povoada de lendas, fantasmagórica, onde se

enroscam as lubricidades do desconhecido em carícias trocadas às escuras...

A noite, bem noite, sem o artifício das lu-



zes, é calafriante, impenetrável, cheia de murmúrios e de ruídos estranhos. E Zé Boneco conhecia bem as noites como breu, dormidas nas pastagens junto do gado, maiorial tôda a sua vida: e dizia a si mesmo que andar de noite em Lisboa, não era avaria nenhuma, por se ver quási tão bem como de dia.

A hora da admissão encaminharam-no para o Hospital; mas, por não haver cama vaga em Santo Alberto—enfermaria a que era destinado, — só poderia entrar no dia seguinte.

O Zé Boneco não ficou bem impressionado com aquela visita: vira tirar das macas uns feridos banhados em sangue, a legião enorme de infelizes que todos os dias aparece com os seus papéis dobrados na mão, a solicitar a entrada; nauseou-se com o cheiro a remédios; e se não fôra uma criada excessivamente gôrda que viu de soslaio e com certo agrado, tudo lhe seria horripilante naqueles lugares.

—Aquela, ao menos, tem saúde! disse a um polícia que estava perto e que com ar de entendido piscou de ôlho, a exaltar as arrobas de sêbo...

Lesto, foi informar o seu hospedeiro de não haver cama vaga, só podendo entrar no dia seguinte.

Que não havia nada perdido, lá ficaria no mesmo quarto, disseram-lhe.

Zé Boneco ficou calado, a scismar muito tempo, cabisbaixo. Por fim, tomando fôlego, perguntou:

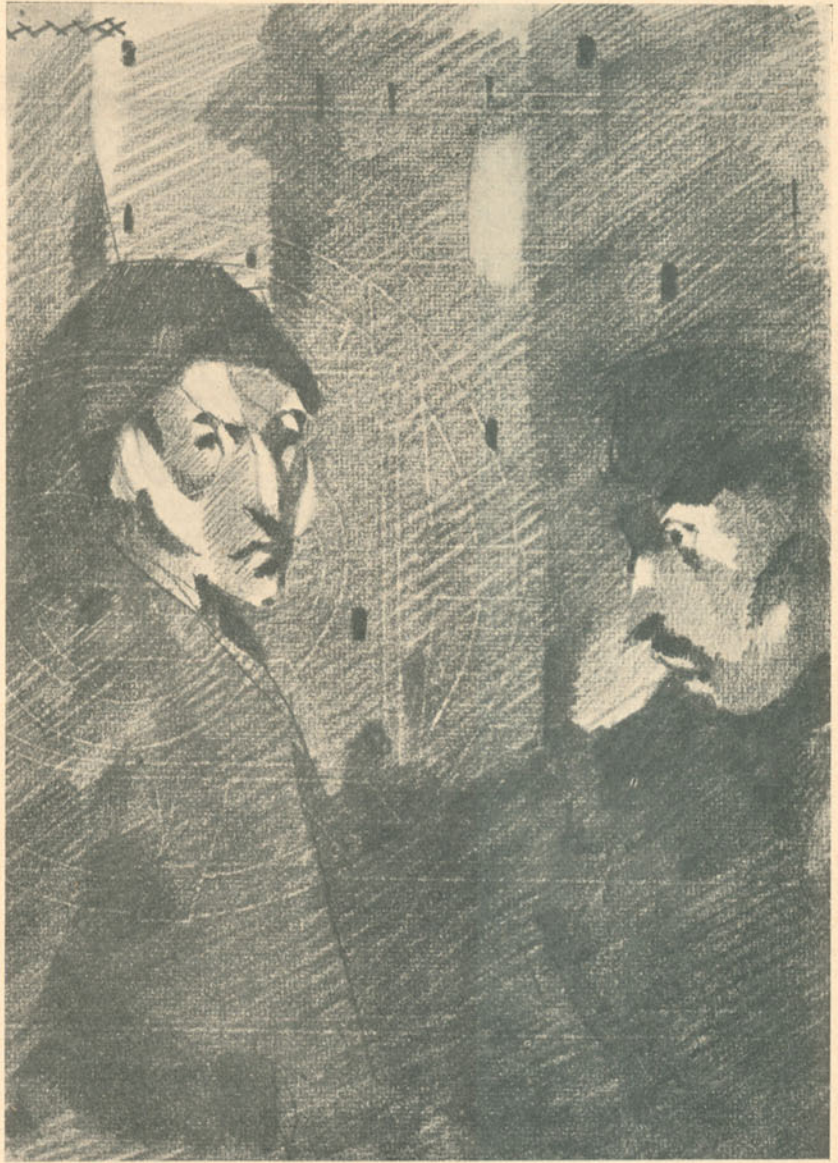
—O senhor não conhece af ninguém que tenha uma vacaria? Assim, um amigo seu...

—Eu não. Mas que queres da vacaria?...

Hesitou uns momentos e acrescentou resolutamente:

—É que eu não posso dormir senão ao pé do gado. Em não sentindo chocalhos, não durmo. Esta noite não preguei ôlho!

Não sei como se arranjou, enquanto esteve internado. Mas posso garantir que na enfermaria não se meteram vacas nem êguas enchocalhadas...



DOSTOÏEVSKI

(Conclusão da página 17)

forma, nem dos quadros, porque a sua obra genial não precisa disso.

O magnífico successo de «Pauvres Gens» encaminhou o seu autor na verdadeira senda do trabalho, produzindo alguns romances, até que ao escrever «Nitolchka Nezvanova», foi colhido por uma catástrofe. Foi prêso e condenado à morte.

O refinamento da crueldade de Nicolau I, porém, quiz experimentar uma sensação nova e, quando o condenado à morte, já inconsciente da vida, esperava cair morto, ordenou que o despertassem para lhe darem a notícia da comutação da pena capital em quatro anos de trabalhos forçados.

Como era de esperar, êste choque provocou na delicada organização um abalo tão forte, que foi essa a sua primeira crise de epilêptico, e que vem descrita no «L'Idiot».

No dia do Natal de 1894 foi enviado para a Sibéria e principiou então o período de inter-

rupção para a sua extenuante actividade literária.

Mas o destino fêz retomar o seu posto de romancista e Dostoïevski escreveu o «Souvenirs de la Maison des Morts», que é a descrição da sua vida na Sibéria, o seu próprio romance realista, que termina com o seu casamento com a viuva Maria Dimitrievna.

Cumprida a pena, volta o autor do «L'Idiot» para a sua actividade. Faz várias tentativas inútilmente para o êxito material da vida e, sucumbido com os desgostos, empreende uma viagem para o estrangeiro. Joga e arrisca na mesa do jôgo todo o dinheiro que tem. Perde tudo e vende algumas peças do vestuário para comer e dormir e êste episódio inspira-o para escrever «Le joueur».

Mas a desgraça não o abandona e fere fundo: morre o seu irmão Michael e a espôsa.

Então Dostoïevski, completamente abandonado, volta para o estrangeiro e só reentra em Petrogrado em 1866, que é a época mais cruel da sua existência. É atacado por todos os lados pelos credores. Foge de todo o contacto do mundo e, encerrado no lúgubre e

tenebroso quarto, conclui o «Crime e Castigo».

Em seguida vende as edições dos seus livros e casa, em segundas núpcias, com Anna Grigorievna, que admira o génio do marido. Ela é a espôsa ideal, porque é muito nova para um homem de idade e é muito generosa.

As dificuldades materiais nunca faltam, mas na sessão solene de «Amigos das Letras Russas», em 8 de Junho de 1880, proclama a «União Universal dos Homens», que foi a coroação do profeta e do génio territorialmente russo, magnificamente aclamada por Tourguenev, Annenkew e estudantes, que se puzeram de joelhos, diante do grande homem de frente socrática.

Finalmente, em 1881, munido de todos os sacramentos da igreja, no dia 10 de Fevereiro, morreu em S. Petersburgo um homem que viveu pobre e teve funerais de magestade, justa homenagem para quem deixou uma obra veementemente bela e profundamente sincera.

No Monte Estoril. Uma varanda debruçada sobre um jardim. Perto o mar vai murmurando o seu eterno queixume. Vêem-se atrás as portas abertas, a sala de baile profusamente iluminada. 2 horas da manhã. Faz luar.

Maria Amélia, deliciosamente loira, fútil, insignificante, e João, veem da sala de baile.

MARIA AMÉLIA — Venha, João. Tomemos um pouco de ar. Abafa-se na sala. É tão bom receber em cheio no rosto uma boa lufada de ar puro!

JOÃO — Aproveitemos então, porque, a não ser o ar, nada mais haverá puro neste nefando mundo.

MARIA AMÉLIA — Nem eu?

JOÃO (num sorriso) — Você é duma ingenuidade deliciosa.

MARIA AMÉLIA — Porque sou pura?

JOÃO — Porque mo quer fazer acreditar.

MARIA AMÉLIA (brincando) — Insolente!

JOÃO — Verdadeiro. Se você quizesse continuar no salão, eu continuaria a mentir, aqui, ante este espectáculo soberbo da natureza, só lhe posso dizer verdades.

MARIA AMÉLIA — Amargas... como tudo que sai da sua boca.

JOÃO — A minha boca é doce quando você me beija, doce como o carmim dos seus lábios.

MARIA AMÉLIA — Como a verdade dos meus beijos.

JOÃO — Como a linda ilusão do seu baton. Também, é preciso não pedir demais à vida, nem às mulheres.

MARIA AMÉLIA — Pessimista, hoje?

JOÃO — Sempre.

MARIA AMÉLIA — Temos paixão nova ou regresso a paixão velha?

JOÃO — Eu nunca me apaixonei.

MARIA AMÉLIA — Nem por mim?

JOÃO — Nem por si.

MARIA AMÉLIA — Obrigada.

JOÃO — Desculpe. Esqueci que você é mulher e que as mulheres abominam a verdade. Mas que quer, eu hoje não saberia mentir-lhe.

MARIA AMÉLIA — Nem para dizer que me ama?

JOÃO — Nem para isso. A Amélia é uma linda flor garrida que apetece colher ao passar. Deixá-la ficar tranqüila no seu canteiro para que o vento a esfolhasse, seria uma crime de lesa-beleza e, assim, a gente sente uma tentação irresistível de lhe aspirar o perfume. É um desafio que nos fazem os seus lábios vermelhos como cerejas maduras. Mas, minha querida, as cerejas ainda teem o caroço dentro de si e a Amélia...

MARIA AMÉLIA — E eu?

JOÃO — A Amélia não tem nada.

MARIA AMÉLIA — Nem alma?

JOÃO — Nem alma, principalmente.

MARIA AMÉLIA — Odeia-me?

JOÃO — Acho-a deliciosa. Tentadora flôr que qualquer pode colher.

MARIA AMÉLIA — Insolente.

JOÃO — Não sou. Você é uma mulher encantadora, é justo. Todos lho dizem, a Amélia acredita e, como é bondosa, não gosta de ver sofrer ninguém...

MARIA AMÉLIA (levemente irritada) — Despeito.

JOÃO (calmo) — Justiça. Depois, tôda a fonte tem por dever matar a sêde ao caminheiro. Quer voltar à sala?

MARIA AMÉLIA — Prefiro ficar ainda.

JOÃO — É pena. Vai constipar-se. A noite vai arrefecendo e a tintura de iodo enegrece a pele. Venha sempre.

MARIA AMÉLIA — Fico, a-pesar de tudo.

JOÃO — Está apaixonada por algum médico? Parece que quer adoecer.

MARIA AMÉLIA (energada) — Quando quer acabar de dizer tolices? Um homem bem educado só deixa de o ser por despeito.

JOÃO — Eu não estou despeitado.

MARIA AMÉLIA — Parece.

JOÃO — Exactamente como você que também parece... (quasi amável) e não é.

(Cumprimenta-a, encaminha-se para a sala. Pela outra porta vem entrando Maria da Glória. 30 anos simpáticos, feios talvez. Mas não se admitem se alguém lhe chamar bonita. Parece. Dirigindo-se a Maria Amélia).

MARIA DA GLÓRIA — Que linda noite, hein? Você não dança hoje?

MARIA AMÉLIA — Acabo de chegar aqui. Preciso um pouco de paz. A Maria da Glória não dança?

MARIA DA GLÓRIA — Muito pouco. Abomino a dança.

MARIA AMÉLIA — É um passatempo higiênico.

MARIA DA GLÓRIA — É. Faz suar.

MARIA AMÉLIA — No entanto, às vezes apetece a gente sentir-se cingida por certos braços que nos agradam.

MARIA DA GLÓRIA — Eu prefiro escolher os braços e deixar-me abraçar sem mentira. (Reparando em Mário que vem chegando): Mas, se não me engano, aí tem você uns braços ansiosos por lhe serem agradáveis.

MÁRIO (a Maria Amélia) — Você fugiu, sua má. Este tango pertence-me.

MARIA AMÉLIA — Vamos então ao tango. (Saem).

Maria da Glória fica só, escondida no mais escuro cantinho. Entram Pedro e Maria da Graça. Não reparam nela, só teem olhos para o seu amor. Pedro tem 20 anos, Maria da Graça 17!

PEDRO (abraçando-a) — Um beijo, vá, aqui ninguém vê.

MARIA DA GLÓRIA (reparando nelas) — Mas ouve (aproxima-se).

MARIA DA GRAÇA — Sua má, aqui escondida.

MARIA DA GLÓRIA — A ver passar o amor. Vá lá, eu volto as costas, deem lá êsse beijo que os fêz vir aqui.

MARIA DA GRAÇA (envergonhada) — Parece mal.

PEDRO — Você acha, Maria da Glória?

MARIA DA GLÓRIA — Se lhes apetece, não parece mal.

MARIA DA GRAÇA — Como tu és indulgente!

MARIA DA GLÓRIA — E porquê, meu amor? Todos se beijam na vida, apenas há quem não goste que se saiba. O beijo nada tem de mau, quando um grande sentimento o gera. Como o vosso, por exemplo. São ambos novos... amam-se.

PEDRO — E vamos casar. Sabe que a Maria da Graça já disse que sim?

MARIA DA GRAÇA (num lindo sorriso) — Pois se éle é mesmo um tonto!



PEDRO (*tornando a beijá-la*) — Por ti.

MARIA DA GLÓRIA (*vendo entrar vários grupos*) — Cautela, aqueles não conhecem os beijos que vocês usam, podem julgá-los iguais àqueles de que abusam.

PEDRO (*a Maria da Graça*) — Vamos ao bufete?

(*Vão saindo abraçados.*)

Os grupos afastam-se também. Maria da Glória fica só. Senta-se numa cadeira de descanso, fuma. João vem entrando, vê-a, e pára por detrás da cadeira dela.

João — Sôzinha e triste...

MARIA DA GLÓRIA (*mostrando o cigarro*) — Acompanhada e alegre. Vê como se engana. Olhe para tudo que nos rodeia e diga se quer melhor distração que este lindo espectáculo da natureza e melhor companhia que um bom cigarro.

João — Você adora a Costa do Sol.

MARIA DA GLÓRIA — Sim. E você também adorava se por acaso se chamasse *Côte-du-Soleil*.

João — Julga-me *snob*?

MARIA DA GLÓRIA — Tenho a certeza.

João — Em tudo?

MARIA DA GLÓRIA — Sei lá!

João — Também no amor?

MARIA DA GLÓRIA — No amor, tenho a certeza.

João — Porque diz?

MARIA DA GLÓRIA — Porque sei. Só por *snobismo* se podem amar certas mulheres. Não por *snobismo* de qualidade mas... de quantidade.

João — Não me conhecerá nunca.

MARIA DA GLÓRIA — Conheço, sim. É um homem.

João — Tão pouco?

MARIA DA GLÓRIA — Tão pouco (*fica pensativa*).

João — Em que pensa?

MARIA DA GLÓRIA — Num homem. Já vê que não penso em grande coisa.

João — Que ama?

MARIA DA GLÓRIA — Que amei.

João — E que deixou de amar há muito tempo?

MARIA DA GLÓRIA — Há pouco.

João — Depressa foge o amor.

MARIA DA GLÓRIA — Depressa, sim. Nasce numa hora e foge num segundo. De amor é a ilusão e as ilusões não costumam durar. Algumas vezes somos nós que as prolongamos à força...

João — De indulgência.

MARIA DA GLÓRIA — De vontade de ser feliz.

João — Acabe com esta comédia, Maria da Glória. Porque fuge de mim?

MARIA DA GLÓRIA — Não fujo, afasto-me.

João — Para quê?

MARIA DA GLÓRIA — Para dar passagem à multidão. Não gosto de encontrar o mundo nas almas onde entro. Será vaidade, mas acho que chego para escolher uma vida.

João — Porque quer então fugir da minha alma?

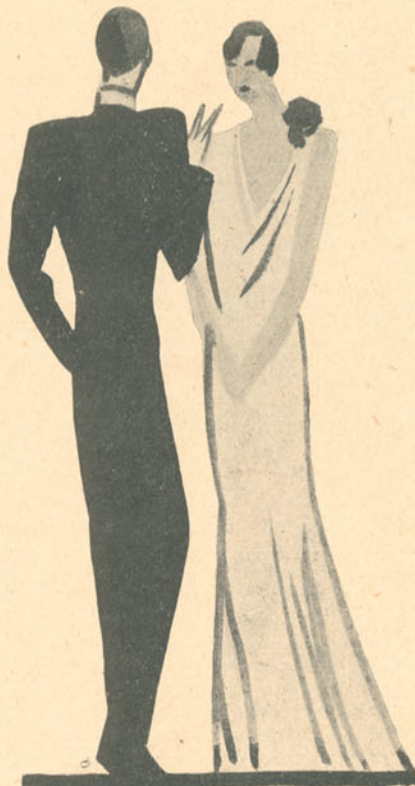
MARIA DA GLÓRIA — Tenho medo dos maus encontros. A sua alma é como uma viela escura e mal freqüentada, é sempre possível um mau encontro.

João — Acabemos com isto, peço-lhe. Você gostou demasiadamente de mim para eu acreditar que não me queira ainda um pouquinho. Uma mulher como você, ama ou odeia e eu não acredito que me odeie.

MARIA DA GLÓRIA — É verdade, sim, nem sequer o odeio. Triste fim teve o meu amor! O ódio é ainda um sentimento positivo, mas o que eu sinto por ti é... indiferença, tédio... pena...

João (*numa ironia cruel*) — De si?!

MARIA DA GLÓRIA (*sincera*) — De nós. De mim, principalmente, que dei-te fora uma coisa de rara beleza — o meu amor. De si, porque à semelhança das crianças que querem ver como as bonecas são feitas por dentro e choram quando as veem estragadas, inúteis, assim você foi infantilmente estragar um



brinquedo muito bonito que o Menino Jesus lhe deu em dia de Natal.

João — E se lhe pedir que o concerte?

MARIA DA GLÓRIA — O Menino Jesus não é faz-tudo! E o coração da mulher é um brinquedo tão frágil! Sabe lá! Siga o seu caminho, João, você não nasceu para amar, nem para ser amado... é novo, é rico, goze a vida a seu modo e não peça de mais ao amor. O João, neste momento, nem sabe porque sofre e, todavia, sofre. Essa boneca loira e fútil que daqui safu acenou-lhe um dia com a sua mocidade espectacular e apetecível. Você aceitou. Era um presente tentador. Tem sido dado a muitos, é certo, mas isso que importa? Ninguém pergunta à árvore, quando se colhe um saboroso fruto, a quem mais matou a fome. Você colheu o fruto apetecido, gostou, mas a árvore, cumprindo o seu fado, continuou a dar os seus frutos a toda a gente e então... você não gostou. Sofre no seu orgulho e quem sabe se não sofre também um pouquinho por não ter sabido ver uma ternura grande e que você cuidava eterna, a pesar de tudo.

João — Julgava-a uma santa.

MARIA DA GLÓRIA — E eu sou apenas uma mulher. Enquanto você feriu o meu amor, sofri e amei, agora que feriu o meu orgulho,

não sofro, mas desprezo. Uma piedade infinita, dolorosa, é tudo quanto sinto por si.

João — E tudo, porque outra mulher...

MARIA DA GLÓRIA — E tudo porque mentiu. (*Numa grande ternura*): Meu amigo, meu pobre pequeno, como eu te quero ainda assim! (*Levando-o à porta da sala*). Ora venha cá, espere aqui desta porta, olhe para a sala como uma criança olharia uma grande loja de brinquedos. Escolha, mas cautela, que a boneca do seu encanto seja de serra-dura, se tiver alma, não. Tu sofrerias e farias sofrer. Olhe ali, o seu passatempo como está entretido... é a vida. Repare agora naquela loira, de verde, olhos da cor do vestido — uma esperança a sorrir!

João (*tentando afastá-la*) — Cale-se.

MARIA DA GLÓRIA — Veja. Mais além, aquela morena de vermelho, lábios como romãs sangrando — um desejo a cantar. E aquela de azul, romântica e linfática... Sim! Um quarto de hora a relembrar Musset.

João — Cruel.

MARIA DA GLÓRIA — Olhe agora aquela gorda pintada e rica — o passado. Não gosta de história antiga? Tudo episódios bons para si. Essas mulheres foram simples episódios nas vidas dos maridos, e nunca foram mais na dos amantes. Eis o que lhe serve. Deixe em paz as pobres almas que não entende. Bonecas de trapo com um coração no peito. Para que serve o coração?

João — O meu para lhe querer.

MARIA DA GLÓRIA — E o meu para perdoar. Mas não para esquecer.

(*Chega o ruído alegre da música.*)

Que lindo baile! A sala parece uma grande árvore do Natal. (*Docemente*): Criança feliz. Vá, escolha o seu boneco. É madrugada, a hora boa — a hora dos brindes. A esta hora, em quantas cabecinhas fervilham ilusões e quantas bocas sabem a pecado! Aproveite. O diabo costuma passar a esta hora pelo mundo.

João — Vestido de mulher.

MARIA DA GLÓRIA — Vestido de... diabo. Quantos segredos tentadores terá dito já ao ouvido das raparigas. É a sua hora. O diabo gosta de música, não deve ter faltado.

João — E não tem medo da tentação?

MARIA DA GLÓRIA (*numa grande máguia*) — Não. Graças a si.

(*Ouve-se um tango, dolente.*)

Um tango! Vá dançar, ande, e quando apertar nos seus braços a seda dum vestido, não queira saber o que ele tem dentro. Eu também vou dançar. Vê aquela casaca que se dirige para aqui? É de bom corte, não é verdade?

João — É o Jorge... Ele... ama-a?

MARIA DA GLÓRIA — Ele gosta do talhe do meu vestido. Pois é com aquela casaca que eu vou dançar. (*Jorge chegou, convidando Glória a dançar*). A vida é só isto, meu amigo, um eterno baile de máscaras...

João (*tentando agarrá-la*) — Glória, venha comigo...

MARIA DA GLÓRIA (*severa*) — Um grande baile de máscaras... é a minha vez... Sorriso de Arlequim, com alma de Pierrot... (*aceita o braço de Jorge, afasta-se*).

João fica só, deixa-se cair numa cadeira, desalentado. Dum lado surge uma casaca elegante, portadora dum sorriso frio... inquieto... Onde estará o diabo a estas horas?

NOTAS SÔBRE A DINAMARCA



Em Aalbenraa, uma localidade histórica, onde se proclamou a redenção do Schleswig

A Dinamarca é hoje um pequeno país eminentemente moderno mas que tem um grandioso passado histórico. Copenhague, a capital, é a cidade mais importante e de maior movimento dos países nórdicos. É curiosa pelo seu aspecto de amálgama de pitorescos, pois que é, a um tempo, pórtio de mar, cidade de negócios e residência real. Por todo o seu aspecto, pelo seu tráfego, é em absoluto uma cidade do século XX, mas os seus castelos, os seus palácios, as suas igrejas, os seus numerosos monumentos e ricas coleções artísticas, levam-nos, em evocação, pelos séculos fora, até tempos imemoriais.

Bólsa, do Arsenal, da Biblioteca e do Estado Maior do Exército, como que o coração da cidade. Dêle partem seis pontes que irradiam para os diversos portos da cidade fervilhante de movimento. Apesar das dimensões enormes da cidade, os meios de comunicação são fáceis e, assim, o acesso do centro da vida cidadina torna-se muito prático mesmo para os habitantes dos arrabaldes, aumentando, por isso, a animação das principais ruas, sua importância comercial e sua beleza urbana.

Hoje, Copenhague tem 700.000 habitantes e, a-pesar disso, é uma cidade de um encantador intimismo e duma gracilidade deliciosa.



A praia de Sondervig, no mar do Norte

Muito raramente se encontrará uma cidade cuja sorte esteja tão intimamente ligada ao desenvolvimento e aos destinos dum país inteiro. Basta seguir rapidamente tôdas as fases importantes do desenvolvimento político, económico e cultural da Dinamarca, artáveis os tempos.

Edificado sobre um ilhéu chamado *Slotsholm*, rodeado por canais, devastado por incêndios no século XVIII, várias vezes reconstruído, o castelo real de Christiansborg conserva as suas colmatas e os seus pavilhões, o seu pitoresco picadeiro e a capela, cuja cúpula resplandece ao sol na sua patina de cobre esverdeado. O Parlamento e o Supremo Tribunal têm a sua sede no castelo de Christiansborg. Junto à capela, ergue-se um museu, dedicado à memória do escultor Bertel Thorvaldsen, o mais célebre da Dinamarca, museu que tem o aspecto bellissimo dum mausoleu antigo, protegendo, no centro, o belo túmulo do glorioso artista.

É este ilhéu, onde ainda estão os formosos edifícios de estilo barroco, dos ministérios, da

pelo escritor dinamarquês

— KARL LARSEN

(Exclusivo para ILUSTRAÇÃO)

Mas se considerarmos como cidade, ainda, os imensos arredores que se estendem por toda a ilha de Seeland, ao longo do Sund, cobertos de lindas casas de campo e pavilhões de caça, a área de Copenhague adquire proporções vastíssimas.

Entre essas lindas casas dos arredores e pequenos núcleos povoados citam-se, de preferência, a célebre terra natal de Hamlet, Helsingør, com o seu castelo do Renascimento à borda do mar. Hillerød, célebre pelos tesouros do seu castelo de Frederiksborg, também do Renascimento, Roskilde, cuja igreja gótica é panteão dos reis da Dinamarca, a rigør, tudo arredores pitorescos da capital. Todos êles se podem visitar, cómoda e rapidamente, em automóvel ou até em bicicleta que, pode dizer-se, é o veículo nacional dinamarquês.

Os pontos de excursão mais procurados pelos turistas e pelos habitantes de Copenha-

gue, são a ilha de Amager, a de Møen, ao sueste da ilha Seeland, e a ilha de Bornholm, que emerge do seio do mar Báltico. A ilha de Møen é curiosa. As suas fábricas e rochedos são de giz branco, que resplandece, perturbadoramente, ao sol. Bornholm é célebre pelas suas escarpas de granito, os seus vales recamados de abetos, as velhas ruínas do seu antigo castelo e as vagas imponentes que vêm quebrar-se nas suas enseadas.

A independência da vida económica e política nas províncias dinamarquesas, tem-se desenvolvido muitíssimo de ano para ano; a mesmo acontece, embora num grau menos acentuado, com a sua cultura intelectual. Apesar da capital monopolisar 1/5 da população global da Dinamarca e reunir no seu âmbito quasi a totalidade das instituições culturais e a-pesar ainda de, como acima dizemos, os seus arredores se poderem consi-



Copenhague — A Igreja das Mulheres



A costa de Varna — Uma praia típica perto de Aarhus

drar como uma região representativa da grande maioria territorial do país, o que é certo é que se lhe não pode atribuir a representação de toda a Dinamarca cultural, artística e pitoresca.

Na ilha da Fionia há recantos encantadores, sobretudo nos arredores de Svenborg, onde se encontram velhos castelos históricos rodeados de magníficos parques; Odense é a maior cidade da Fionia, terra da naturalidade do celeberrimo contista H. C. Andersen, em cuja memória se instituiu um museu,

instalado numa lindíssima casinha do início do século XIX. De Funborg, outra cidadezinha antiga, na costa sudoeste da Fionia, pode embarcar o turista para Sønderborg, na ilha de Als, que já faz parte do Slesvig. Mesmo em frente do Sønderborg está a célebre colina de Døbbøl, campo de batalha na guerra com a Alemanha, em 1864, primeiro acto, talvez, da tragédia que teve epílogo na guerra mundial de 1918.

A Dinamarca tem apenas 43.016 quilómetros quadrados de superfície e escassamente três milhões de habitantes, mas a-pesar da sua pequenez, é um país extremamente interessante e variado, tanto sob o ponto de vista das suas típicas paisagens como sob os pontos de vista da história e da cultura intelectual.

É incontestável que a nação dinamarquesa é um pequeno país que, através os tempos, nunca conseguiu reivindicar a sua verdadeira situação política no concerto mundial, mas também é verdade que, pelas suas tradições históricas, pela beleza natural do seu torrão, pelos esforços do seu povo em prol do desenvolvimento económico e cultural e, graças também, à inteligência, ao talento de adaptação e à generosa hospitalidade dos seus habitantes, ocupa um alto lugar entre as nações modernas da Europa, que ninguém lhe regateia nem faz depender da modesta superfície do seu território.

desportos



George Eyston, o grande corredor inglês, depois de atingir 97,9 milhas à hora (récord do mundo) no seu pequeno M. G. (Foto Orriós)

Com o campeonato nacional terminou a época portuguesa de cross que, como as que a antecederam, foi pouco brilhante.

O cross é um desporto que em Portugal não conseguiu atingir o grau de popularidade que na maioria dos países estrangeiros lhe assegura uma abundante participação de corredores.

O Nacional deste ano, reunindo 33 participantes, foi excepcionalmente concorrido, e no entanto, lá fora, os que partem em provas similares contam-se às muitas centenas, quando não excedem o milhar.

Muito poucos são, entre nós, aqueles que conhecem o prazer físico de correr através campo, longe mesmo do espírito de competição; não há desporto mais higiénico nem mais agradável, num variar constante de perspectivas que leva grande vantagem à monótona aridez das pistas.

O «CROSS» DAS 6 NAÇÕES

Foi este ano disputado em Dublin o anual Cross das Nações, participando d'ele, irlandeses, ingleses, escoceses, gauleses, franceses e belgas. Embora fôsse esperada uma vitória da Inglaterra, contava-se também que a França lhe tornasse difícil o triunfo, lutando pela conquista de um troféu que durante quatro anos conservara, só o perdendo no ano último, em favor dos ingleses. Se a primeira previsão se confirmou, a segunda falhou estrondosamente, e os franceses registaram uma pesada derrota que se cifra no final por uma diferença de 70 pontos na classificação.

O desastre teve causa principal nas desistências, ao que parece injustificadas, de três dos melhores elementos da *équipe*: o cam-

PORTUGAL-ITALIA EM FOOT-BALL

No desafio internacional realiado, no passado domingo, no Porto, a victoria coube aos italianos por duas bolas a zero e a derrota, longe de caber ao grupo representativo português, coube, por direito próprio àqueles que, por quasiuncular de companário, não surgiram em campo a defender as nossas côres.

peão nacional Rérolle, Leclerc e Waltis, para os quais a imprensa francesa é severíssima, apodando-os de traidores.

Rérolle, sobretudo, ouve das boas, colhendo o fruto da má vontade que nos últimos tempos tem mostrado aos jornalistas, por, a seu ver, lhe não consagrarem a importância que merece o seu valor.

Rérolle adoptara ultimamente o sistema de não permitir que o fotografassem, escondendo a cara com as mãos, mesmo que fôsse em corrida. O caso tem-se prestado a larga troça e a figura pouco simpática do corredor é agora, com justa razão, rijamente sovada.

OS 6 DIAS DE PARIS

O velódromo de inverno serviu mais uma vez de cenário à corrida ciclista dos seis dias, que conheceu um êxito excedendo todos os anteriores.



Ruth Nicols, ao tentar bater o *récord* do mundo de altitude, teve uma síncope e o aparelho veio despedar-se no solo. Miss Nicols ficou pouco ferida (Foto Orriós)

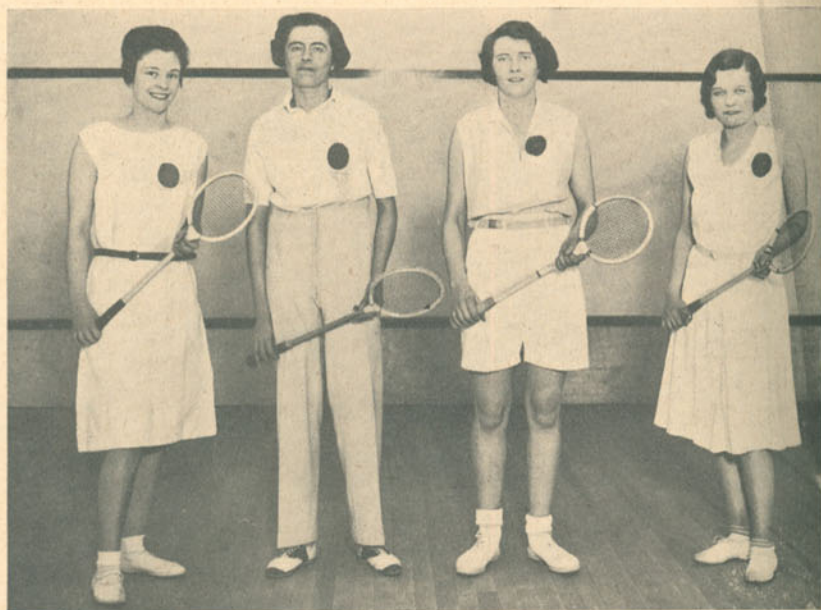
A enorme arena desportiva foi pequena para conter a multidão que pretendeu acompanhar a prova nas suas fases mais emocionantes, e o número total de entradas durante a corrida excedeu cento e cinquenta mil pessoas.

A vitória final veio a pertencer inesperadamente à *équipe* italiana Linari-Dinale, que na última meia-hora conseguiu recuperar duas voltas que levava de atraso aos *leaders* e conquistar mais uma ainda, que lhe garantiu o primeiro lugar.

A prova, assim acarinhada pelo público e consagrada pelo snobismo parisiense, foi um excelente negócio para os corredores que colheram o maná de uma copiosa chuva de prémios oferecidos por espectadores e cujo total somou o brinquedo de 350.000 francos.

O melhor caçador de prémios foi o francês Coupry, que à sua parte embolsou 41.000 francos.

SALAZAR CARREIRA.



Raquettes elegantes — Da esquerda para a direita: Miss du Boulay, Mrs. Gerald Wolfe, Miss Oakes e Miss Boucher, da *équipe* do Ladies Carlton Club, campeão britânico (Foto Orriós)



HOLLYWOOD É VERDADEIRA TORRE DE BABEL

POR WILLIAM PENNY

É meio dia. O estridente silvo da sireia, faz-se ouvir nos recantos mais afastados de Hollywood, avisando todos que trabalham nos estúdios de que é hora de deixar o trabalho para «tratar do estômago», ocupação prosaica talvez, mas indispensável. O imenso recinto do restaurante dos estú-



John Barrymore, o insigne actor, com sua esposa, a linda Dolores Costello, num canto delicioso da sua residência de Hollywood (Foto Orrios)



Conchita Montenegro, a capitosa pedeta espanhola do cinema, com um encantador modelo de meia estação de René Habert

(Foto M. G. M.)

dios transforma-se, repentinamente, numa torre de Babel... com o seu quê de manicómio para a pessoa alheia aos costumes do mundo do cinema.

Ao redor de uma centena de mesas apinham-se quinhentos ou seiscentos comensais, alguns directores, outros escritores, artistas os demais, além de músicos, jornalistas ou amigos de alguns luminares que, valendo-se

das suas relações, teem logrado introduzir-se no Santo Santuário.

Vão chegando os primeiros, os que teem mais pressa de reassumir o trabalho. Aparecem ciganos da Hungria, marquesas e condessas do antigo império francês, bandidos, piratas, soldados alemães, presidiários, mundanas, mendigos, marinheiros, um cardeal, uma bailarina espanhola, um gaúcho, um gigante, uma mulher que pesa duzentos e cinquenta quilos, um liliputiano... falando cada qual o seu idioma natal: alemão, russo, espanhol, italiano, francês, suco... até o inglês! «Aqui, como dizia o inolvidável Blasco Ibañez, há de tudo; até americanos do norte».

A algaravia do restaurante é ensurdecidora, pois cada um se quer fazer entender no seu próprio idioma, contrastando a impassível fleugma saxónia com os ardentes arrebatos dos latinos.

Um italiano, que não sabe inglês, depois de repetidas e volúveis explicações, entende-se com o garçon desenhando uns macarrões numa fôlha de papel... um espanhol exalta-se porque, querendo fazer alarde do seu conhecimento da língua do país, pede manteiga (butter) e equivocadamente lhe trazem água (water).

Lembro-me de haver visto Lawrence Tib-

bet, o famoso barítono da Metropolitan Opera de Nova York, vestido de cossaco, conversando amistosamente com várias jóvens escocesas. Mas, mais adiante, aparece em pijama a inquieta Joan Crawford, de corpo escultural, cujas esbeltas linhas não despertam, contudo, tanta admiração como os olhos imensos e luminosos desta mulher de fogo.

Em outro recanto do restaurante está Robert Montgomery, acompanhado de Anita Page, vestida esta de colegial, com o seu ar de menina tímida e adorável a-pesar de andar actualmente com a mania de representar papeis dramáticos.

Em frente, numa mesa, rodeado de uma meia dúzia de sugestivas damas como é costume) aparece o elegante Adolphe Menjou, o conquistador do grande mundo, que trabalha agora nos filmes em inglês, francês, alemão e espanhol.



Adolphe Menjou, o eterno elegante, com o seu companheiro favorito, um gracioso ciosinho felpudo e trombudo.

(Foto M. G. M.)



Irene Bordoni, a gaiata estrela da First National, nos

seus filmes falados e cantados (Foto Orrios)

Juan de Landa, o ex-tenor espanhol, vestido de presidiário, pois que acabava de representar o seu sensacional papel de «Butch» em «El Presidio», conversava com Wallace Beery, o seu «alter ego» na versão inglesa.

Ernesto Vilches, com o seu traje de mandarim, pois estava trabalhando na produção de «Wu Li Chang», discutia o menú com Angelita Benitez, a «filha» que elle tinha matado poucos momentos antes ante a objectiva.

Roman Novarro fazia a Conchita Montegro — que estava vestida com o hábito de postulante e com uns olhos e um sorriso que dizem coisas profanas — as últimas recomendações para a próxima scena de «Sevilla de mis amores», em que Ramon desempenhou o papel de director e astro!

Da uma às duas da tarde começa o desfile para os diferentes scenários, onde se trabalha até as seis ou sete, se não há pressa de concluir o filme, ou até de madrugada, se é necessário terminar a produção quanto antes. E os artistas, que passaram já a trabalhar treze ou quatorze horas seguidas, vão para casa, ansiosos de cama, já que, na manhã seguinte, terão de madrugar de novo.

Como dizia Joan Crawford há dias, em Hollywood não há tempo para divertimentos. Os artistas só pensam em ir para a cama cedo e levantar cedo para continuarem o trabalho.

UMA NOBRE FIGURA DE PINTOR

**ARTUR LOU-
REIRO** E OS SEUS SESENTA ANOS
DE ACTIVIDADE ARTISTICA

O pintor Artur Loureiro é um dos grandes valores de Portugal, alheio a tôdas as publicidades e votado à margem das consagrações officiais que o compadrio da nossa terra tem espalhado, tantas vezes, sem um critério justo.

Ao cabo de sessenta annos de trabalho intenso e vitorioso, no culto duma arte que é exercida com tôda a devoção duma acendrada fé religiosa, Artur Loureiro é hoje uma das mais elevadas expressões da pintura portugueza.

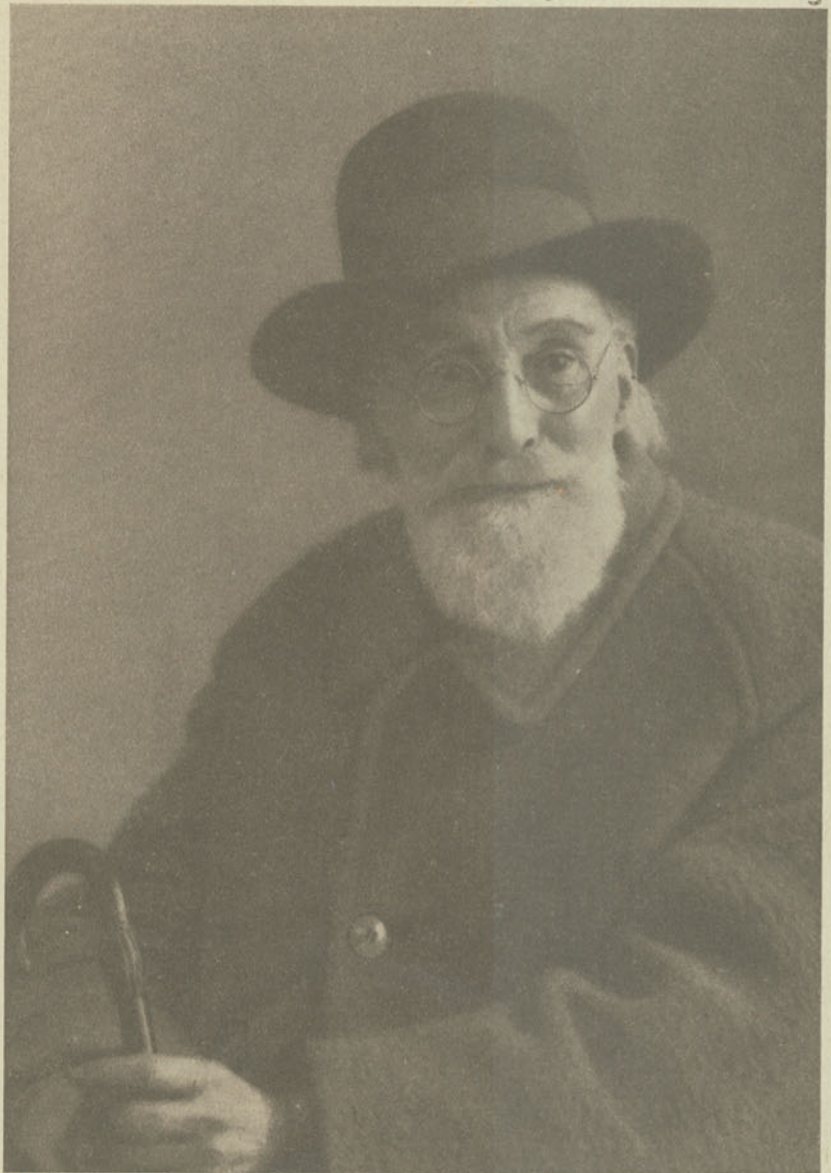
Estrada florida de triumphos, aberta numa larga prática do Bem e numa prodigalidade de ensinamentos fructuosos, este pintor é uma figura nobilíssima de artista e um artista de nobilíssimo carácter.

Terminara o seu curso na Academia do Pôrto à volta de 1875. Revelára-se, então. Era uma intuição transparente. Os Mestres fixaram-no, os condiscipulos invejaram-no. Três annos depois, mão firme para o desenho e paleta, duma apreciável exuberância, Loureiro vai estudar para Itália. É Pradilla, o glorioso Mestre espanhol, quem o apresenta no Circulo Artístico de Roma. Em 79 regressa a Portugal e entra num concurso ruidoso, com o falecido Columbaño e Condeixa, à pensão de Paris. Os seus méritos dão-lhe jus à primeira classificação. Segue para a capital franceza, fixa-se no grande centro da Arte. Assoma, então, no limiar do atelier do célebre Cabanel. Aí estuda e se aperfeiçoa. Em 1880 vai ao Salon, de braço dado, com Bastien Lepage, Henri Pantin, Petit-Jean, Senibaldi, Harpignies, Silva Pôrto, Columbaño, António Ramalho e Sousa Pinto. Expõe uma figura de «Varina». Em 1881 apresenta-se com um primoroso retrato de Trigueiros Martel e em 1882 envia de Londres o quadro «No jardim», em que figura um suave perfil duma australiana. Ao lado dos Mestres colhe os primeiros louros. Os seus trabalhos provocam os aplausos do juri exigente, merecem referências aos criticos ávaros em elogios.

Sempre num vôo de perfectibilidade, expõe no mesmo anno em Londres, na «Galeria Goupil», Novos triumphos para o artista, outra vez o pavilhão de Portugal que se desfralda galhardamente. Segue, depois, para a Australia, fixando-se em Melbourne. O governo inglés contrata-o para professor de desenho na «Presbyterian Ladies Academy», convite

raramente feito a um estrangeiro. Em pouco tempo é elevado à categoria de inspector. Concorre a tôdas as exposições australianas.

Envia ainda trabalhos a Londres. E em 1889, na cidade do Tamisa, classificam-no com a medalha de ouro, recompensando o seu no-



O último retrato do mestre



Amanhecer na estrada de Cucujães

tável quadro «Death of Burks». A crítica londrina rende-lhe as suas homenagens. No mesmo ano, o seu quadro «S. Estanislau de Kostka» alcança a medalha de ouro em Bru-



No atelier.— (Retrato de uma das filhas de Loureiro, vendo-se no fundo o auto-retrato do artista)

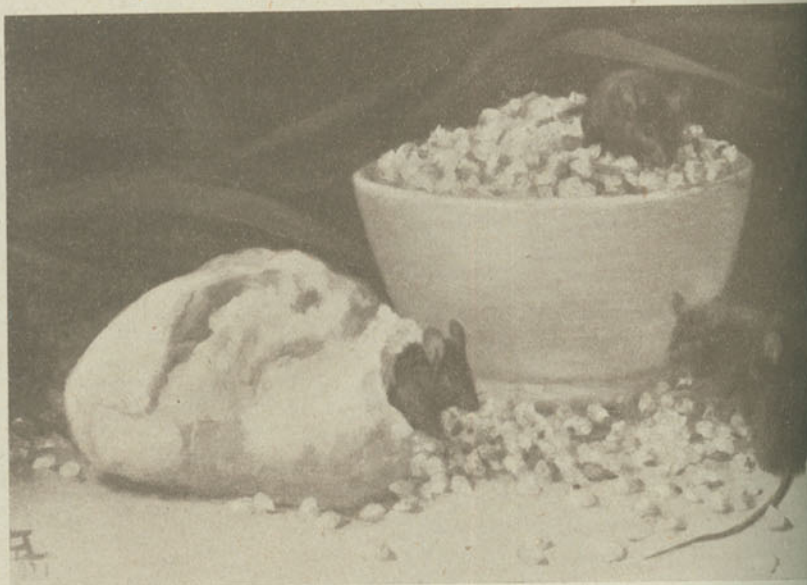
xelas, no «Durandal», quadro que o «Salon» de Paris veio daí a pouco a premiar com a terceira classificação.

Como artista e como português, Loureiro tinha cumprido nobremente a sua profissão e honrado galhardamente a sua pátria.

Exausto de trabalho, a saúde do torrão natal a morfinar-lhe os nervos, o artista promove o seu regresso a Portugal. E em 1904,

«Os dois eminentes artistas a que me refiro — Silva Pôrto e Loureiro — terão, creio eu, de ser considerados na história da Arte do nosso tempo como iniciadores e primeiros Mestres da paisagem em Portugal. Íntimas analogias os relacionam um com o outro. São ambos do Pôrto, da terra verde e montanhosa, das empinadas e musgosas azinhas, dos campos de milho quadrículados pelas videiras de enforcado, dos pinheirais, das azenhas, das águas murmurantes, das translúcidas neblinas e das lindas raparigas de olhos azuis e tranças loiras. Ambos essencialmente minhotos, incluso sentimentais e nostálgicos.

«Ambos conjuntamente educados em França, pintando em Fontainebleau com os impressionistas do tempo, na convivência dos grandes mestres, de Barbizon, Corot, Daubigny, Troyon, Diaz, Millet. Enfim, ambos mais ou menos achacados do peito, pertencendo como tais à categoria daqueles predestinados «doentes do infinito» no agiologio da Arte, em que Mauclair compreende por sintomas comuns de nostalgia poética, de nervosidade exacerbada, de ternura febril, de insaciabilidade ideal e melancolia mística, certos privilegiados temperamentos como o de Watteau na pintura; o de Verlaine, na poesia; o de Mozart, de Chopin e Schubert, na música.



A eterna questão

rodeado de amigas sólidas, instala-se num recanto do Palácio de Cristal, nesse encantador recinto onde a Natureza tece pródigoamente as suas galas.

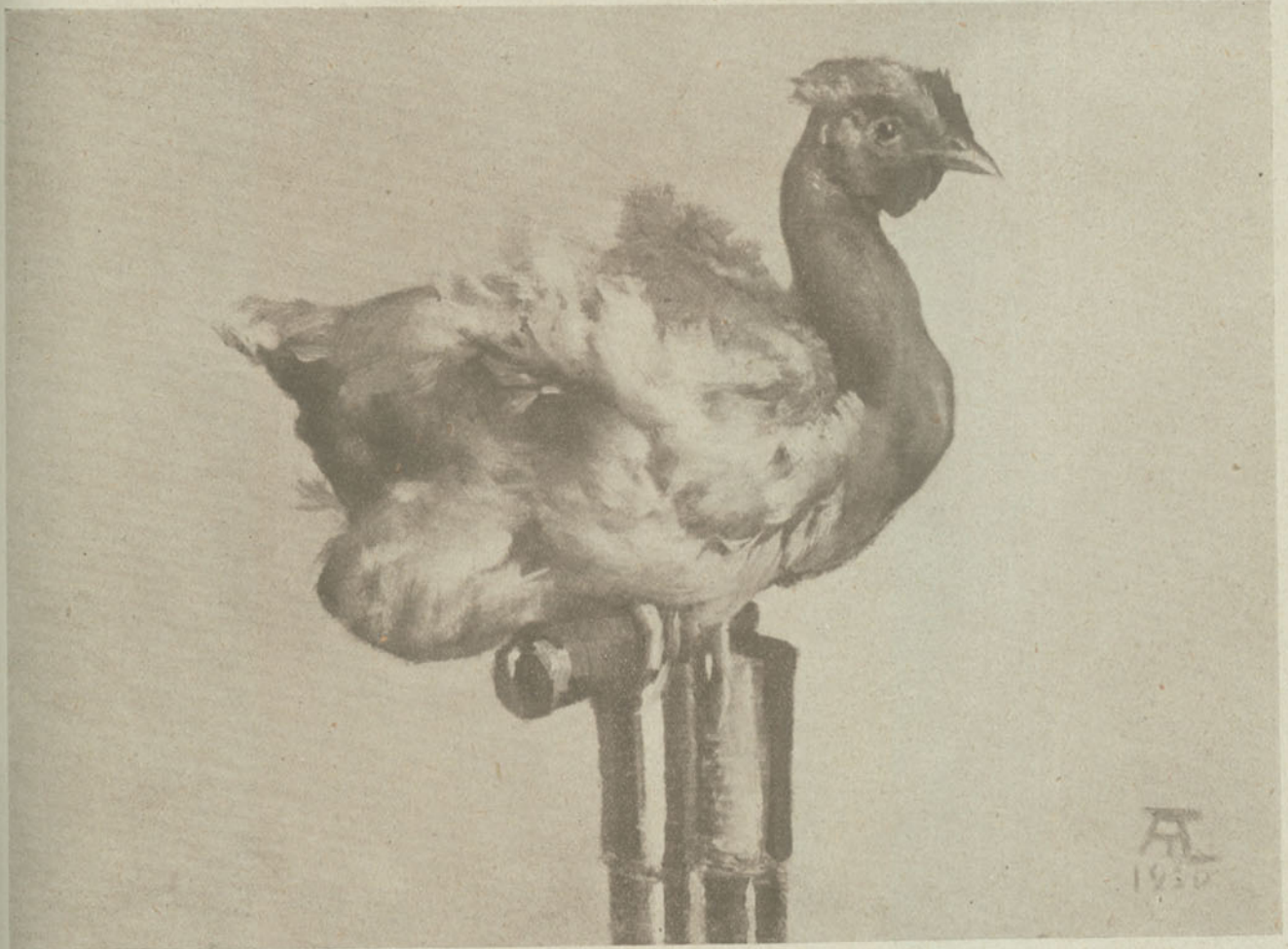
Pelo seu atelier, transformado em santuário de Arte, começaram então a desfilar os vultos mais importantes nacionais e estrangeiros, em relação íntima com as expressões pictóricas.

«Loureiro e Silva Pôrto são sempre, através das suas brilhantes sinfonias de cor, dois delicados, dois contemplativos, dois sonhadores.»

* * *

Isolado, simples, digno, arredado de todo o bulício exterior, superior a vaidades mesquinhas, o grande sonho de arte a tomar-lhe sequiosamente o espírito, raro poder de emotividade aliado a uma requintada concepção do Belo, Loureiro é feliz e perto dos oitenta anos não conta os dias, vive em plena primavera, vivacidade nos olhos e na inteligência. E o público, as élites e a massa anónima,

Estabelecendo o paralelo entre Silva Pôrto e Artur Loureiro escrevia, há trinta anos, o grande Ramalho Ortigão, numa gazeta de Lisboa;



EM CIMA — O depenado

EM BAIXO — O queridinho

tem tido ocasião de vibrar ao contacto das suas manifestações delicadíssimas de beleza.

Mantendo com «panache» a frase de Ingres «le dessin c'est la probité de l'art»; pintor do «ar livre»; poeta na escolha dos assuntos; paisagista sincero, vibrante em efeitos e sentido, quente de tonalidade; retratista inimitável animado no desenho da expressão e opulento e justo na cor da carnção da figura; sóbrio é impecável intérprete de animais cuja anatomia conhece profundamente; vigoroso impressionista das «naturezas mortas»; artista de academias notáveis em pureza e harmonia de linhas; florista dum encanto e frescura inexcelsíveis; decorador e evocador correctíssimo de motivos sacros, Artur Loureiro tem firmado centenaes de trabalhos, formando uma preciosa galeria, trabalhos que ocupam posto de honra no ambiente severo dos museus de Portugal e do estrangeiro e nos solões nobres de inúmeros dos seus admiradores.

* * *

Loureiro teve agora o seu certame anual no Pôrto, um acontecimento artístico sempre a fixar. São muitos os seus trabalhos expostos em várias das modalidades da pintura, desde a paisagem cheia de carácter e de pitoresco ao retrato expressivo e primoroso de acabamento, desde as «naturezas mortas» delica-



díssimas aos quadros animalistas de desenho digno.

Contrastes de luz, a perfeita interpretação das atmosferas, a segurança inexcelsível da perspectiva, a vivacidade da cor nos seus surpreendentes aspectos são detalhes que se observam em toda a sua pujança, neste certame, como belas lições de pintura.

* * *

Artur Loureiro, repetimos, é um dos grandes valores de Portugal. Consideraram-no primeiramente no estrangeiro, antes mesmo que no País lhe tecessem os primeiros elogios.

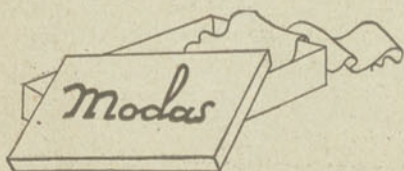
Pois a-pesar disso — triste é declará-lo — Loureiro ainda não mereceu do Estado qualquer consagração oficial, ao atingir os oitenta anos quando o seu «auto-retrato» — primor de realização — vai ser colocado no Museu Pitti, de Florença, ao lado de Columbano e de outros insignes Mestres da pintura.

Afinal, esta ingratidão dos poderes públicos não é de hoje; acompanha, lamentavelmente, a par e passo, no decorrer da história, o esforço patriótico e alevantado de todos os grandes de Portugal.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

As fotos reproduzem alguns dos quadros em exposição no certame do Salão «Silva Pôrto».

Foto
BRUNO
WINTERFELD



A LINHA MODERNA, ESGUIA, COLEANTE, SEM ESTORVOS PARA A PLÁSTICA FEMININA, ESTÁ SINTETIZADA NESTA FORMOSA «TOILETTE» DE NOITE EM CRÊPE GRIS-PERLE QUE UM LINDO MODELO BERLINES VESTE A PRIMOR

DELICIOSO VESTIDO DE PASSEIO,
BRANCO E NEGRO, EM CRÉPE SETIM
E COLETE-BOLERO DE VELUDO. GRAN-
DES LUVAS NEGRAS BORDEADAS DE
TULE



UM PIJAMA GRACIOSÍSSIMO EM DOIS
TONS DE ROSA, CLARO E ESCURO, DE
DESENHOS ORIGINAIS E CORTE VER-
DADEIRAMENTE INÉDITO

(Fotos Bruno Winterfeld transmitidas
por Orrlos)



*Páginas
de Arte*



Névoa na dóca (Rio Tejo)

foto de
H. Novais



UMA DAS "CARTAS QUE ME FORAM DEVOLVIDAS,"

É lá possível esquecer-te! Embora saiba que procuras libertar-te de mim, eu jamais deixarei de te lembrar, porque nesta lembrança reside o meu alento de viver. A vida é uma sucessão de imagens; se umas se apagam há outras que permanecem. Ocorre-me o caso de Orfeo:

— A glória de Apolo, como músico, era grande, era imensa. Não havia ninguém que pudesse igualá-lo quando êle tangia qualquer instrumento musical. Ninguém, excepto talvez Orfeo, um simples mortal adolescente ainda de origem divina. Sim; os sons da sua lira não só fascinavam os homens; até as feras se enroscavam a seus pés, e as árvores inclinavam a folhagem para ouvirem melhor a melodia tangida...

Um dia, Orfeo desposou Euridice, e a felicidade parecia ser eterna. Mas nem os Deuses escapam aos golpes cruéis do destino: — uma tarde Euridice morria.

Desolado, os seus lamentos enterneciam as pedras e enterneciam as flores. Aonde quer que Orfeo aparecesse tangendo melancolicamente a sua lira, ninguém ousava impedir-lhe que passasse... E chegou à caverna subterrânea de Plutão. Caronte, o soturno barqueiro, de encantado na toada dulcíssima da canção, esqueceu-se de pedir a espórtula que as almas tinham que dar para passarem as águas negras da Estige. Nem Apolo teria causado tamanho deslumbramento! Ê que ouviam a voz humana de alguém que numa elegia de saudade tentava aproximar-se daquela que a morte cruelmente lhe roubara.

Uma das primeiras formalidades que os mortos teem de sofrer ao chegarem à caverna de Plutão, é beber um pouco de água do Lethes que lhes dá o esquecimento de tudo quanto viveram... Mas a virtude dessa água não era bastante para resistir ao encanto supremo da música de Orfeo, — e nas almas dessas sombras despertaram antigos sonhos... Recordaram a luz do sol, a suavíssima claridade do luar e das estrêlas, a côr das paisagens, a frescura dos prados verdes, — cida-

des, coisas, lugares — as alegrias e as penas vividas... Recordaram e choraram... Sisifo, condenado a fazer subir uma pedra enor-

míssima por uma encosta difficil, descansou para ouvir aquela queixa tão linda; as filhas de Danaide suspenderam a sua árdua tarefa





de encher de água um tonel eternamente vazio; Tântalo, esqueceu o seu tormento e ficou embevecido na voz dolente e cristalina daquele jovem amoroso.

Seguido pela interminável multidão de sombras, Orfeo, ia avançando lentamente — e o seu cantar mais parecia água límpida

caíndo, aos soluços, de uma fonte... Por fim chegou à presença dos soberanos, comodamente sentados em trono de prata fôsea. Proserpina enterneceu-se; Plutão mandou chamar Euridice.

Ainda não acostumada à escuridão daquele reino, vacilante, a sombra dela surgiu...

— Pois bem, declarou Plutão: Autorizo que regresses ao mundo dos vivos, mas, Orfeo vai adiante e Euridice atrás. Se Orfeo tentar contemplar a sua amada antes de chegarem à superfície da terra, Euridice volta de novo ao reino dos mortos, e aqui — para sempre ficará. Alegre, rindo, saltando, — Orfeo quis logo partir. E puseram-se a caminho...

Passaram o Letes; atravessaram a Estigia. Silenciosa, atrás d'ele, nem os seus passos se ouviam. Ah! quantas vezes Orfeo quis voltar-se para a ver!

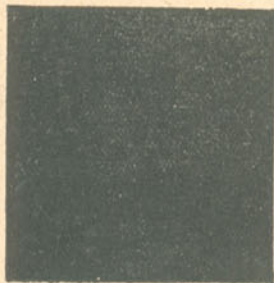
A um débil clarão da manhã — tinham chegado à entrada da caverna — Orfeo, não pôde conter-se, e esquecendo a promessa, voltou-se para olhá-la. E, finalmente, pôde vê-la já diluída na luz!... Chamou-a, deu-lhe os seus braços, mas ela, — como sombra que se apaga ao chegar a luz do dia, — esvañu-se... deixando apenas um murmúrio imperecível

e doce de despedida. Perturbado até às lágrimas, tentou ainda segui-la, mas Caronte, posto em guarda, não o deixou avançar e obrigou-o a saír.

É só isto — e nada mais.

ANTÓNIO BÓTO.

(Desenhos de Tagarro)



MOTODES



O rallye de 10.000 quilómetros. As distâncias estão indicadas em milhas

UM "RAID" DE 10.000 QUILOMETROS

Lisboa incluída no percurso

DA iniciativa do Automobilklub von Deutschland deve ter lugar em Maio próximo um *raid* automobilístico de grande importância, não só pela avultada quilometragem, como pela diversidade de países em que se desenvolverá.

Para Portugal tem este *raid* excepcional importância. Raras vezes os clubs estrangeiros incluem o nosso país no percurso das suas provas de automóveis; a resolução do Automóvel Club Alemão deve regosijar-nos pelo que tem de útil ao desenvolvimento do turismo no nosso país.

Bom será que as entidades que interferem no assunto tomem as medidas necessárias para a boa recepção dos nossos forçados hóspedes, para que não seja esta a única vez que Portugal seja incluído nestas grandes provas.

As datas fixadas são de 22 de Maio a 7 de Junho, respectivamente partida de e chegada a Berlim; a média de velocidade exigida é das mais baixas, permitindo aos automobilistas tomarem as suas refeições com sossego e dormirem tranquilamente. Para os carros de cilindrada inferior a 2 litros, a média de velocidade é de 28 quilómetros à hora, sendo de 35 quilómetros para os carros de cilindrada superior.

O percurso a realizar é como segue:

Berlim a Genebra (Suíça), 1.080 quilómetros; Genebra a S. Sebastian (Espanha), 920 quilómetros; S. Sebastian a Lisboa, 1.020 quilómetros; Lisboa a Madrid, 670 quilómetros; Madrid a Barcelona, 620 quilómetros; Barcelona a Milão (Itália), 1.015 quilómetros; Milão a Roma, 655 quilómetros; Roma a Munich (Alemanha), 930 quilómetros;

Munich a Ragusa (Yugo Eslávia), 1.160 quilómetros; Ragusa a Budapeste (Hungria), 1.140 quilómetros, e de Budapeste a Berlim 900 quilómetros.

Esperamos que alguns dos nossos automobilistas (que os temos de valor e com bom material), se inscrevam nesta importante prova. Farão a Portugal uma bela propaganda na sua passagem pelas principais cidades da Europa, além de terem ocasião de revelar as suas qualidades de bons *volantes* e poderem inscrever os seus nomes no livro de ouro do mais importante rallye da Europa.

História cronológica do desenvolvimento do automóvel

Vai já nuns quarenta anos o automóvel. A sua infância foi atribulada. Nasceu entre o riso duns e a indiferença doutros. Um monstrosinho disforme, caminhando aos pulos numa irritante traquinada de ferragem, parando a todo o momento, exausto, a resfolegar, tal foi o primeiro automóvel com motor a gasolina, sem estética, sem forças, sem conforto.

De ano para ano foi progredindo, porém, e os cépticos deixaram de rir, os indiferentes passaram a olhá-lo com curiosidade.

Das diferentes transformações por que êle foi sucessivamente passando nos Estados Unidos da América do Norte, damos uma resenha cronológica que mostra as notáveis inovações de ano para ano introduzidas na indústria automobilista desde a época em que esta se estabeleceu até ao seu actual estado.



A enorme superfície deste armazém dá uma ideia da quantidade de materiais a empregar numa fábrica de automóveis moderna

1892—Organizada pelo *Times Herald*, de Chicago, realiza-se a primeira corrida de automóveis.

1898—Introduz-se o alumínio em ligação com certos metais, na construção dos automóveis.

Utiliza-se o aço-níquel na construção de eixos e outras peças.

1900—Introduz-se o avanço automático da alumagem.

Aparece o primeiro automóvel com motor instalado à frente.

Realiza-se a primeira exposição de automóveis, em Nova York.

Aparecem os primeiros volantes de direcção em vez da alavanca-braço.

1901—As primeiras propulsões por veio.

Tem lugar a primeira corrida de resistência (de Nova York a Buffalo).

Aparecem os primeiros modelos de *carrosseries* com entrada à parte trazeira.

Publica-se a primeira lei sobre regulamentação do tráfico de automóveis.

1902—Começa a empregar-se a liga de cromo-níquel, bem como o aço «tungstenio».

Notam-se as primeiras *carrosseries* com assentos dianteiros divididos.

Inicia-se, com um motor de quatro cilindros, a primeira produção em grande escala.

Suspensão do motor em três pontos de apoio.

1903—As oficinas de A. O. Smith & C.^o, constroem o primeiro *chassis* em aço prensado.

Começa a colocar-se o radiador à frente.

Aparecem os parabrisas de vidro.

Introduzem-se as capotas.

Aplicam-se aos pneus, correntes contra a derrapagem.

1904—Modificação nas *carrosseries*; portas laterais em lugar de porta trazeira.

E. V. Hartford constrói os seus amortecedores.

Instalam-se os primeiros carburadores automáticos.

Numa corrida torna-se notado o primeiro motor de 8 cilindros em linha.

Começa a ser aplicada a lubrificação sob pressão.



Uma grande nave de perto de 300 metros de comprimento numa fábrica de automóveis

1905—Remy Brothers apresenta os seus primeiros magnetos.

As *carrosseries* altas passam a ser adoptadas; delas começam também a fazer parte as capotas dobráveis.

Goodyear apresenta a jante metálica universal adaptável a pneumáticos com ou sem talão.

Surge o primeiro motor de *camisas*.

Generaliza-se o motor de 6 cilindros.

Pela primeira vez tem aplicação as fechaduras da alumagem nos *tabliers*.

1906—Bosch introduz os magnetos de alta tensão.

Ray Harroun apresenta o seu pára-choques com molas.

As buzinas de vibração começam a ser aplicadas.

1907—Nova York começa a usar os «taxímetros».

Firestone oferece a jante metálica desmontável.

Começam-se a aplicar os grandes travões pneumáticos.

1908—Os primeiros *klaxons* eléctricos são lançados no mercado.

Vários construtores adoptam nos seus motores as *camisas* em vez de válvulas.

Certos automóveis de construção vulgar são munidos de correntes silenciosas de distribuição.

Vê-se, pela primeira vez, a direcção à esquerda.

1909—Constrói-se o primeiro motor com os cilindros fundidos em grupo com a caixa da cambota.

1910—Surge o arranque eléctrico (Delco). Generalizam-se as engrenagens de distribuição.

1911—Empregam-se as jantes metálicas com fenda transversal.

No mercado dos acessórios aparece o indicador de temperatura (Boyce).

1912—Propulsão final por engrenagem helicoidal.

1913—Generaliza-se a roda de arame. Aperfeiçoa-se grandemente o arranque com «Bendix».

Surgem os primeiros pequenos carros (cyclecar) que pouco tempo duraram.

1914—Cadillac apresenta o seu primeiro motor de 8 cilindros em V.

Aperfeiçoamento notável do sistema de alimentação do combustível por aspiração.

Regulação termostática da circulação da água.

1915—Os pistons ligeiros em alumínio generalizam-se.

Lanchester aplica os seus primeiros amortecedores de vibração.

Packard constrói o seu primeiro motor de 12 cilindros.

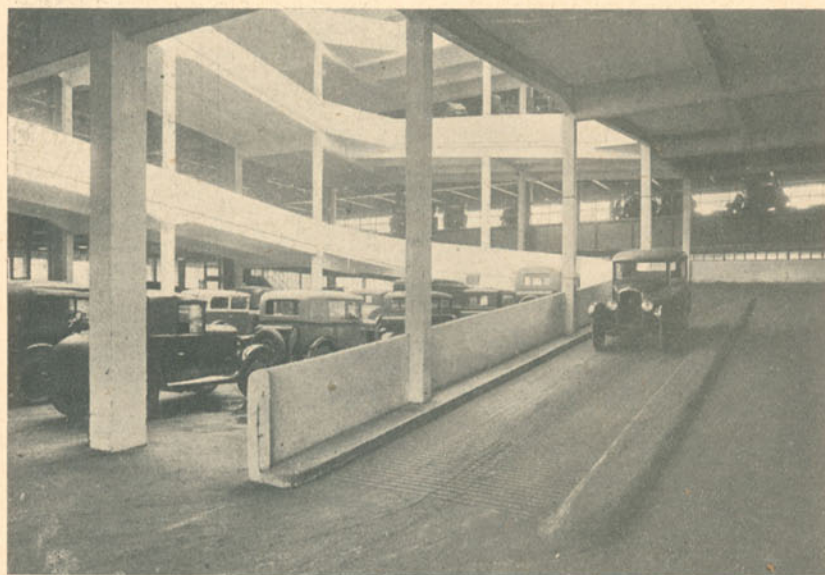
1916—Aparecem as rodas de disco (Budd).

1918—Vaporizador eléctrico no carburador.

1919—Rodas de madeira com cubo de aço.

1920—Travões hidráulicos.

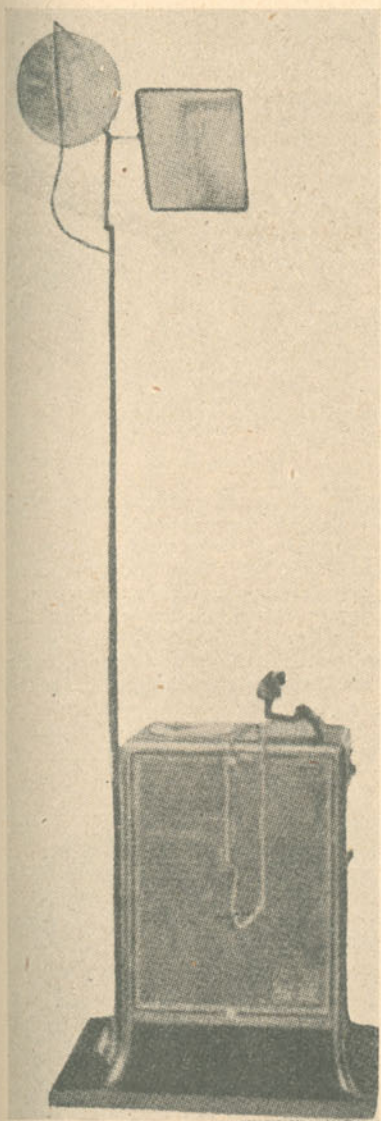
1921—Novas ligas de aço-cobalto e cromo



A armazenagem dos automóveis prontos para expedição



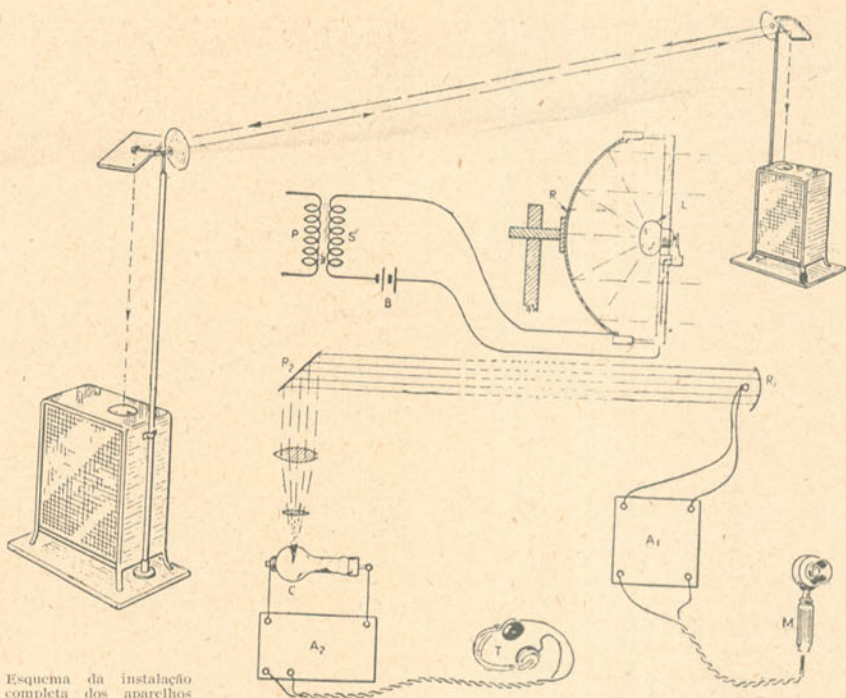
**QUER CONVERSAR
POR MEIO DE
UM RAIOS DE LUZ?**



O aparelho receptor completo

Já tivemos ocasião de falar com um heliógrafo de Lisboa para Palmela, de Abrantes para Santarém e de Tancos para Abrantes.

A telefonia sem fio, porém, pôs de parte, na Grande Guerra aquele meio de comunicações.



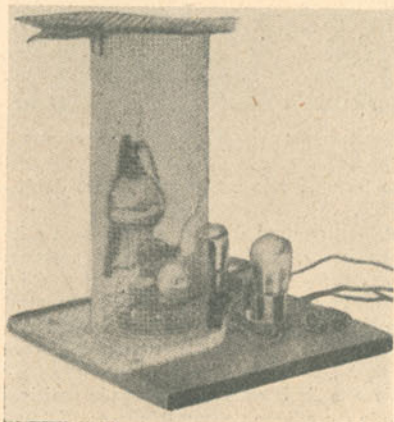
Esquema da instalação completa dos aparelhos

Falar em Morse, após a prática preparatória dos pontos e traços, é fácil, mas falar com a voz modulada, ouvirmos o nosso correspondente... e podermos responder-lhe com a mesma facilidade sem fio condutor, mas somente com o auxílio de um raio de luz, é que não tínhamos ainda concebido sequer.

Eis um largo campo de aplicação aos apaixonados portugueses que namoram para os 5.^{os} andares.

Vem dos tempos remotos a aplicação da luz para as comunicações a distância. Nas guerras antigas não se conseguia mais que pequenas distâncias com o auxílio dos tambores e foi nesse tempo que se recorreu à transmissão da luz como meio de comunicações.

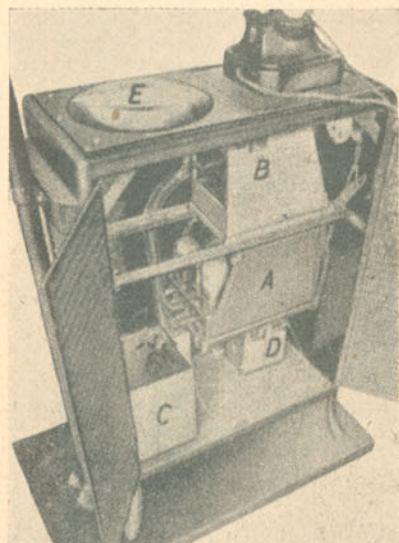
Bell e Tainter, em 1880, fizeram experiências para o estabelecimento de comunicações telefônicas por meio de um foco luminoso e, seguidamente, conceberam a transmissão da contínua que alimentava uma lâmpada de arco.



A unidade foto-elétrica com a sua blindagem electrostática e o amplificador de três andares

Em 1897, o professor Simon, de Gottingen, notou que quando se sobrepunha à corrente contínua que alimentava uma lâmpada de arco, uma corrente alterna, esta emitia um som.

Este fenómeno fez entrever a possibilidade de conseguir sons por meio da lâmpada de arco, permitindo a Ernst Ruhmer, em 1902, estabelecer comunicações telefônicas por meio



Aspecto do receptor. O foco de luz é concentrado pelas lentes E e F sobre a célula foto-elétrica que se encontra no interior da caixa C. Os sinais luminosos passam em seguida ao amplificador A B e D

dos raios de luz de uma lâmpada de arco e de uma célula de Selênio, conseguindo atingir a distância de 35 quilómetros.

O cérebro humano não pára e novas descobertas enriquecem dia a dia os mortais contemporâneos...



A linda locutora de Turim (Radio-Turim)

DADOS PRATICOS

Foi a revista *Wireless World* que recentemente apresentou a praticabilidade do sistema.

Como será fácil de compreender, é necessária uma corrente inicial de base, de outra maneira o impulso da corrente aqueceria o fi-



A formosa locutora de Roma

lamento cada vez mais, dando como resultado uma distorsão desastrosa.

Aplicando uma corrente de base ao filamento este é levado a um grau conveniente de incandescência e a corrente alternada, sobreposta no circuito, traduz-se em mudanças de intensidade luminosa.

Na figura vê-se o circuito simples, no qual se usa uma lâmpada de lanterna no bôlso.

P é o primário do transformador de saída do amplificador, e *S* o secundário, sendo a impedância deste último aplicada à resistência do filamento.

A CELULA FOTO-ELÉTRICA

A grande auxiliar para a nova experiência reside na célula foto-eléctrica.

Estas, são, ordinariamente, constituídas por uma ampola em vidro ou quartzo, onde se fez o vácuo e oferecem uma grande permeabilidade aos raios ultra-violetas.

Na parte interior da ampola existe um catodo em potássio ou gesso coloidal e um ânodo em tungsténio.

É sobre o catodo que se faz projectar os raios luminosos, êle ocupa a maior parte da célula, revestindo na maioria dos tipos toda a parede interna da célula.

Quando o catodo da célula estiver iluminado e se faça atravessar por uma corrente eléctrica, a intensidade da luz recebida variará proporcionalmente.

A corrente obtida é de ordem microampérica, mas o trabalho da célula é instantâneo.

A sua sensibilidade é tal que alguns tipos



A bellissima locutora da estação da Radio-Genova

acusam uma vela a três quilómetros de distância.

A luz, que não é mais que ondas de electrões, choca com os electrões do potássio, projectando-os na direcção do tungsténio. Este, que está carregado positivamente, atrai os electrões, produzindo nos condutores uma corrente que se estipulou ser do sentido contrário à dos electrões.

Se o potássio estivesse carregado positivamente em relação ao tungsténio, os electrões que estão carregados negativamente seriam repelidos e a corrente não passaria.



A simpatiquíssima locutora de Nápoles



A locutora de Radio-Torino (Turim), uma linda voz



Mr. Roy, o locutor de Radio-Toulouse, que os radiófilos portugueses tantas vezes ouviram

As experiências preliminares foram feitas com aparelhos muito simples, amplificando os sinais originados por um receptor de T. S. F., tendo uma baixa impedância de saída, o que oferece uma grande vantagem para este fim. O reflector de uma lâmpada comum de bicicleta serviu de projecto. Depois, e durante os últimos retoques, a ampola foi montada no foco de um espelho parabólico para obter assim um foco de luz concentrado.

O receptor usado nos primeiros ensaios consistiu em uma célula foto-eléctrica bem blindada e ligada por meio de uma alta resistência a um amplificador com transformador de três andares.

Para reduzir ao mínimo possível as capacidades parasitas que pelas altas resistências de acoplamento usadas teria um efeito prejudicial sobre a reprodução das notas desta frequência, a primeira válvula amplificadora foi colocada dentro da blindagem, muito próxima da resistência de acoplamento.

Durante os ensaios viu-se que se o foco de luz era bem concentrado e se usava um sistema óptico perfeito no receptor final para poder focar toda a luz recebida sobre a célula foto-eléctrica, um só andar de amplificação depois da célula foto-eléctrica era suficiente para modular em alto grau a lâmpada transmissora.

Daqui se deduz claramente que a instalação pode ser extremamente simples de construir.

Para fazer demonstrações de conversações duplas por este sistema construíram-se dois aparelhos iguais. Cada um tem um mastro que suporta dois espelhos, o receptor e o transmissor, respectivamente.

O foco de luz modulado recebido é enviado por um espelho chato e inclinado a 45° sobre uma grande lente condensadora que reflecte o foco por meio de uma lente de correcção mais pequena, de tal maneira que aquele passe justamente através de um orifício de meia polegada à caixa blindada que contém a célula foto-eléctrica e o andar de amplificação.

Esta caixa (C) pode ver-se na figura que acompanha estas linhas.

Eis a traços rápidos alguns detalhes do aparelho demonstrativo apresentado por uma grande fábrica de lâmpadas da Holanda numa das Exposições realizadas recentemente em Antuérpia.

uma cuidadosa doseagem se torna absolutamente precisa.

Em teoria, uma mistura de ar e de essência deve conter $\frac{1}{10}$ do seu peso de essência, ou seja, aproximadamente, 7 %.

Operando-se uma combustão completa da mistura assim produzida, toda a gasolina será transformada em anidrido carbónico e em vapor de água, não restando oxigénio algum.

Uma mistura em tais proporções é inteiramente teórica, pois que a prática ensina-nos que há economia em utilizar nos motores uma mistura mais pobre, isto é, menor na gasolina com emprego de mais ar. Uma boa proporção é a de um grama de gaso para vinte gramas de ar (quinze litros, aproximadamente), ou seja uma percentagem de 5 %.

O tempo reservado a esta combustão é muito curto, e para que ela se realize completamente deve a mistura, não só ser convenientemente doseada como ser homogénea.

A gasolina que faz parte dessa mistura deve ser nela introduzida, seja em estado de vapor ou numa pulverização tal que constitua com o ar um verdadeiro nevoeiro.

É ao carburador que cabe o papel de preparar a mistura explosiva, ou antes, da mistura combustível. Ao carburador compete um papel duplo: actua primeiro como um doseador, para que a mistura a fornecer aos cilindros seja feita nas necessárias proporções de gasolina e ar, e, em segundo lugar, deverá actuar como pulverizador para que esta mistura seja levada à câmara de explosão nos cilindros, numa espécie de vapor, em góts finamente pulverizadas.

Uma mistura de ar e de gasolina é combustível dentro de certos limites; se a mistura for pobre, isto é, se nela não entra a gasolina em quantidade bastante, não se inflamará, ou mal o fará; se, ao contrário, houver demasiada quantidade de gasolina, a mistura queima-se mal, lentamente, ou não se produzirá explosão alguma, se a dose de gasolina for demasiadamente exagerada.

Por aqui se vê o cuidado que estas dosagens merecem e quão difícil é o papel que incumbe ao carburador.

R. LACERDA.

ALVARO CONTREIRAS MOTORES (Conclusão da página 36)

e aço «tungstenio» para válvulas de escape. Aço «molibdenum».

Primeira instalação de travões às quatro rodas.

1922—Aço cromo-sílico para válvulas de escape.

Radiadores, faróis, pára-choques, niquelados.

1923—Aparecem os pneus balon.

Introduz-se nos chassis a lubrificação a alta pressão.

Tintas laca para os automóveis (Düco).

Recomenda-se o fluido de étil para fortalecer a gasolina.

Surgem os purificadores de ar.

1924—Instala-se um filtro de óleo no carter da cambota.

Experimenta-se o amortecedor de vibração à embraiagem.

1925—Surgem as primeiras mudanças de velocidade eléctricas.

1926—Propulsão por engrenagem bipoide.

Aplicação dos vidros inquebráveis.

Lubrificação centralizada do chassis.

1927—As peças brilhantes exteriores em cromo.

Mudanças de velocidade com quatro velocidades à frente, em lugar das três velocidades há longos anos adoptadas na América.

1928—Alimentação do combustível por bomba mecânica.

1929—Transmissão às rodas dianteiras.

1930—Cadillac apresenta o 16 cilindros.

A carburação nos automóveis

A gasolina usada como combustível nos motores dos automóveis, necessita, para que se queime, duma certa quantidade de oxigénio. O modo mais simples e também o mais económico para o dosar da quantidade necessária, é colhê-lo no ar ambiente.

Para que o motor efectue as suas explosões com regularidade, obtendo assim a sua energia máxima, requere-se que a mistura de oxigénio e de gasolina introduzida nos cilindros se queime rapidamente e tão completamente quanto possível.

Torna-se, pois, evidente que esta mistura se não pode fazer indiferentemente, antes que

Anunciar em

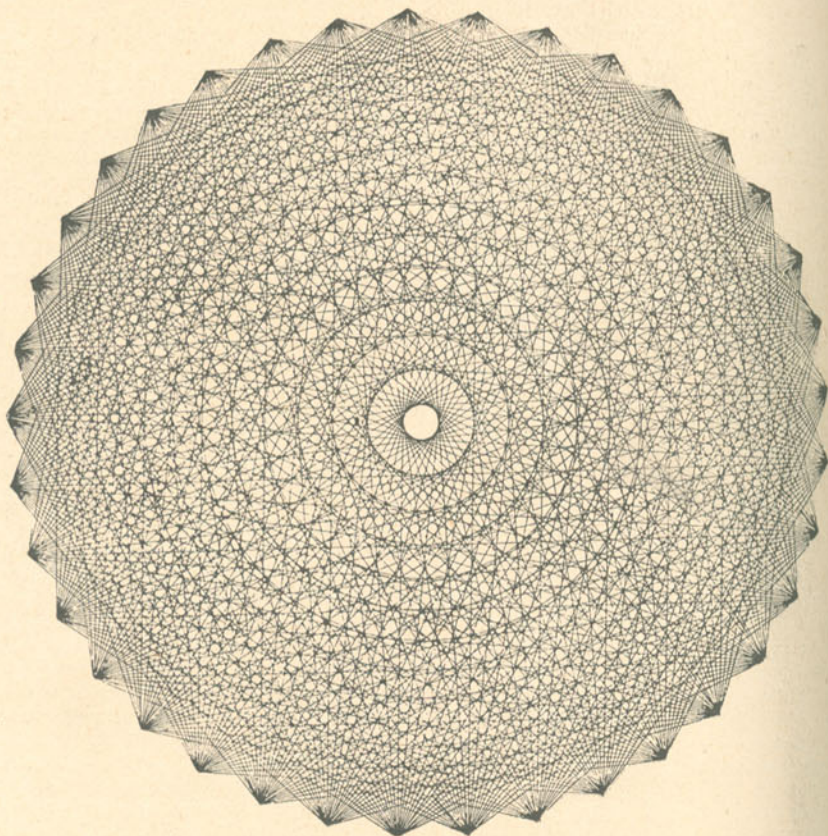
ILUSTRAÇÃO

é fazer chegar um reclamo elegante e moderno dos vossos produtos a todos os recantos

de Portugal, Ilhas, Colonias e Brazil

ILUSÃO DE OPTICA

Linhas rectas ou círculos?



Isto é uma fotografia de linhas rectas que juntam trinta e sete pontos. O único círculo empregado na execução d'êste desenho foi o exterior, no qual foram tomados os trinta e sete pontos. O que são aparentemente círculos, tornando-se mais notáveis à medida que diminuem em tamanho, são apenas as linhas rectas formando tangentes a círculos imaginários. O número total das linhas rectas é de quatrocentos e oitenta e uma.

O ANEL E A MOEDA

Brincadeira de prestidigitação para amadores

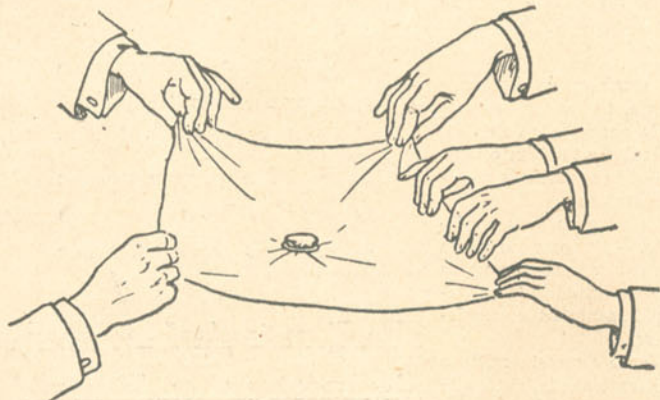
Estendam, sôbre uma mesa, um lenço de seda, e no centro coloquem-lhe uma moeda de um escudo, por exemplo.

Apanhem as quatro pontas do lenço, passem-nas por um anel ou qualquer argolinha até que a moeda toque no anel e dêem uma ponta no lenço a cada um dos quatro membros da assistência para segurarem — *sem fazer força*.

Desafiem, em seguida, os assistentes a apanhar o anel, sem ser preciso largar nenhuma das pontas.

Ninguém sabe como.

Pega-se então em qualquer dos lados do lenço, va-se enrolando até chegar ao anel, introduz-se por êste — e lá salta fóra a moeda!



Margarida: — A Carlota diz que o pai lhe comprou aquele vestido quando ela fez dezoito anos.

Ilda: — Tolice! Não acredito que nenhuma fazenda pudesse durar tanto tempo.

O marido: — O quê! Já outro chapéu novo?
Ela: — É verdade, meu querido. Como o tempo vaa!

(Do «Punch»)

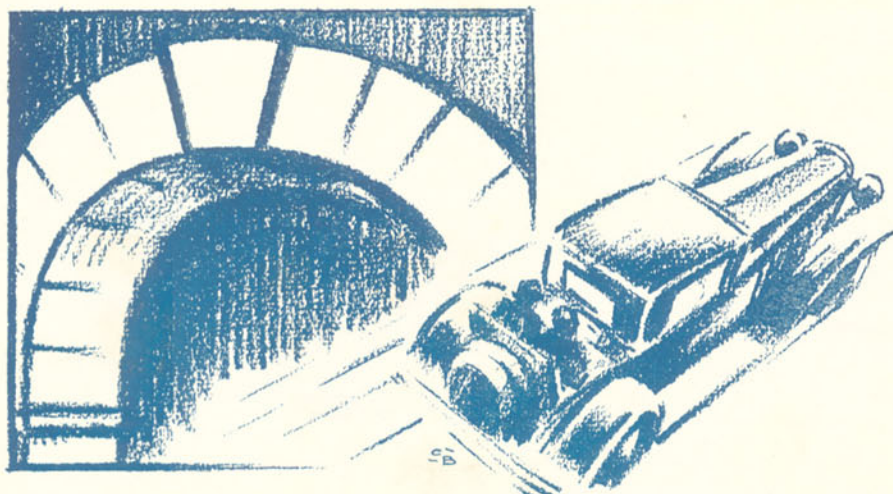
Bolachas

Nacional

**a grande
marca
portuguesa**

*Variadas e Saborosissimas Qualidades
Um Unico Fabrico: O Melhor*

LUBRIFICAÇÃO — A TREMENDA BAGATELA



Tão importante como o fecho de uma abóbada

A importância da lubrificação num automóvel é análoga à da chave numa abobada

O custo do óleo monta sómente a 3% da despesa total de conservação — uma bagatela. Contudo o emprêgo de um lubrificante de qualidade inferior pode motivar grandes contrariedades e reparações custosas.

O bom óleo deve adequar-se às necessidades do motor

O «Mobiloil» — fabricado pelos mais antigos especialistas do mundo em lubrificação científica — protege o carro de V Ex.^a contra o atrito.

A «Tabela Mobiloil» mostra o tipo de «Mobiloil» especialmente adequado ao sistema de lubrificação do motor do seu carro.

Peça



Mobiloil

Um pouco mais caro — mas vale a diferença

V A C U U M O I L C O M P A N Y